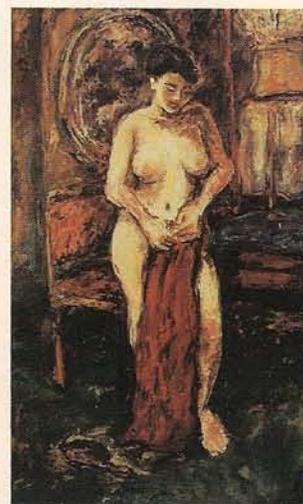




# Thot

UMA PUBLICAÇÃO  
TRANSDISCIPLINAR  
DA ASSOCIAÇÃO  
PALAS ATHENA  
Nº 66 - 1997  
ISSN 1413-893X

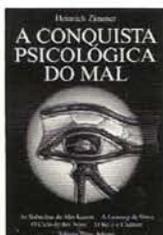


**A COMPLEXIDADE  
E SEUS  
DEMÔNIOS**

**O ENSAIO COMO  
FORMA  
FILOSÓFICA**

**EDUCAÇÃO EM  
DIREITOS  
HUMANOS E  
CIDADANIA**

# Publicações da Editora Palas Athena



## A CONQUISTA PSICOLÓGICA DO MAL

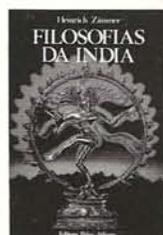
Heinrich Zimmer

Fábulas e lendas por meio das quais Zimmer analisa um vasto conjunto de símbolos. O modo como o ser humano sente e interpreta o mal é revisto por meio das lendas de várias culturas.

## FILOSOFIAS DA ÍNDIA

Heinrich Zimmer

Definido por Alan Watts, no New York Times Review of Books, como o mais completo e inteligente tratado já escrito sobre essa rica tradição filosófica.



## MITOS E SÍMBOLOS NA ARTE E CIVILIZAÇÃO DA ÍNDIA

Heinrich Zimmer

Reelaboração de uma série de conferências dadas pelo autor e compiladas por Joseph Campbell. São diversos temas e questões do universo mítico indiano aqui desvendados por Zimmer, magnífico intérprete da tradição oriental.



## AS MÁSCARAS DE DEUS

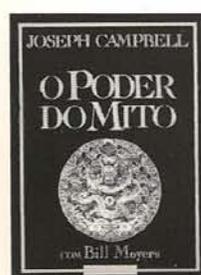
Joseph Campbell

Nesta obra em quatro volumes, Campbell mostra sua visão das mitologias do mundo. O primeiro tomo, *Mitologia Primitiva*, refere-se aos povos caçadores e coletores. O segundo, *Mitologia Oriental*, aborda as mitologias que se desenvolveram sobretudo no Egito, Índia, China, Tibete e Japão. O terceiro e o quarto volumes estão no prelo.

## O PODER DO MITO

Joseph Campbell

Este livro é o resultado de uma série de entrevistas que Joseph Campbell concedeu em 1987 a Bill Moyers, jornalista americano. Nele desfilam, todos os grandes temas mitológicos: o nascimento, as iniciações, o casamento, o envelhecimento, a morte, a fé.



## YOGA, IMORTALIDADE E LIBERDADE

Mircea Eliade

Nesta obra, que já se tornou um clássico, Eliade resgata as origens teóricas e práticas dessa vasta disciplina, abrangendo conceitos de fisiologia, psicologia, metafísica e terapêutica.

## CARTA A UM AMIGO

Nagarjuna

Neste livro encontramos a essência da prática budista. Nagarjuna, fundador da Escola do Caminho do Meio, é considerado um dos maiores filósofos e metafísicos de todos os tempos.



## A GRINALDA PRECIOSA

Nagarjuna

Retira as fantasias com que costumamos encobrir a realidade, orientando-nos na busca de sentido e significado para a vida.



## O CORAÇÃO DA FILOSOFIA

Jacob Needleman

Neste livro é devolvido à filosofia o seu papel original: auxiliar-nos a recordar quem somos e qual o nosso lugar no Universo, revelando um estado de ser no qual a energia da verdade permeia tanto os momentos da mais elaborada reflexão, quanto os corriqueiros afazeres do dia-a-dia.

## A ROCA E O CALMO PENSAR

Mahatma Gandhi

Este livro reúne textos de Gandhi que focalizam o tema da prece e da meditação, ambas instrumentos e alimento espiritual de toda uma vida dedicada à não-violência.



THOT é uma publicação da Associação Palas Athena. Seu nome é a forma grega de uma antiga divindade egípcia padroeira dos escribas e dos matemáticos, criadora da escrita, fundadora da ordem social, intérprete e conselheira dos deuses. Geralmente representado com a cabeça de íbis, Thot manifesta a essência do pensamento criador.



## Índice

<b>Galeria</b>	2
<b>Entrevista com Edgar Morin</b>	3
<b>Psico-educação: a ciência educativa e terapêutica do "viver-com"</b> <i>André Lebon</i>	11
<b>Era uma vez . . .</b> <i>Robert Walter</i>	24
<b>Física e Psicologia no século XX: uma nova visão</b> <i>Veronica Rapp de Eston</i>	29
<b>O ensaio como forma filosófica</b> <i>Olgária Matos</i>	41
<b>Maria Callas, vinte anos depois</b> <i>Claudio Willer</i>	51
<b>Painel</b> <i>Suzete Carvalho</i>	55
<b>Resenha</b> <i>Humberto Mariotti</i>	59
<b>Poesia</b> <i>Mirian Paglia Costa</i>	60
<b>Epifanias</b> <i>Basilio Pawlowicz</i>	63

## A necessidade e urgência do novo

Estamos vivendo um momento de redefinição das instituições sociais. Neste período de transição de milênio, exige-se uma redefinição nos modos de pensar o conhecimento, a produção, o trabalho e o relacionamento com os outros e com a natureza. Isso, por sua vez, depende de um novo relacionamento social e, sobretudo, de um enfoque diferente na condução das necessidades maiores do indivíduo e da sociedade. A mesmice, o discurso arrogante e as atitudes prepotentes se mostram inadequados para enfrentarmos a complexidade do mundo atual.

Estilos de comunicação renovados, assim como a crescente possibilidade de acesso à informação, exigem transparência e compostura no pensar e agir. São necessárias outras maneiras de perceber o que significa estar são, física e mentalmente, e também novas formas de integração social, para que possamos assumir, coletivamente, um conjunto de valores e os direitos e deveres a eles associados.

Uma ética de respeito, solidariedade e cooperação deve amparar a busca de conhecimento e comportamento, orientando a procura dos novos saberes e fazeres, que nos permitirão lidar com a complexidade do mundo atual. A assunção coletiva dessa ética poderá nos conduzir ao novo tão necessário.

**Ubiratan D'Ambrosio**

Thot nº 66 - agosto de 1997 - tiragem: 2.500 exemplares - ISSN 1413-893x

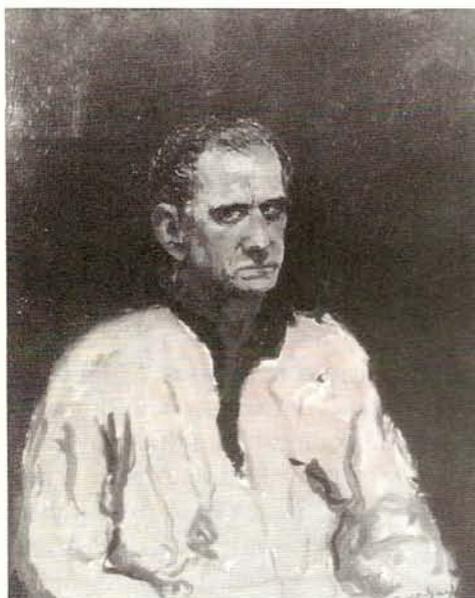
**Editores:** Associação Palas Athena do Brasil, Basilio Pawlowicz, George Barcat, Humberto Mariotti, Lia Diskin, Primo Augusto Gerbelli, Roberto Ziemer, Ubiratan D'Ambrosio • **Equipe Thot:** Ana Figueiredo, Collaço Vêras, Daniela Moreau, Isabel Cristina M. de Azevedo, Lucia Benfatti Marques, Lucia Brandão S. Moufarrige, Maria Léa Schwarcz, Maria Tereza Bryg, Marli Montesano, Nurimar Falci, Primo Alex Gerbelli, Therezinha Siqueira Campos, Wilson Campanella, Yara Bonomo • **Capa:** Takeshi Assaoka • **Diagramação e Edição Eletrônica:** Maria do Carmo de Oliveira • **Fotolitos:** Binhos • **Produção:** Emílio Moufarrige, Sérgio Marques • **Impressão e Distribuição:** Gráfica e Editora Palas Athena • **Assinaturas:** Irma Mariotti • **Jornalista responsável:** José Caruso Filho

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida a reprodução, citando a origem. Os números atrasados serão vendidos conforme a última tabela de preços publicada pela Editora Palas Athena. Periodicidade: trimestral. Assinatura por quatro números: pedidos em nome da Associação Palas Athena do Brasil, no endereço abaixo. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula nº 2046. Registro no DDCP do Departamento de Polícia Federal sob nº 1586 P.290/73.

**Associação Palas Athena do Brasil**  
Rua Leônicio de Carvalho, 99 - Paraíso  
04003-010 - São Paulo - SP  
Fones: (011) 288.7356 - 283.0867 e 287.2668  
Fax: (011) 287.8941

## GALERIA

Nesta edição, THOT homenageia o pintor Enio Squeff, gaúcho de nascimento, paulista por adoção e um dos artistas brasileiros mais importantes da atualidade. Todas as fotos de quadros e desenhos que ilustram este número são de sua autoria. No texto abaixo, Flávio Kothe, professor de Teoria Literária do Instituto de Estudos Avançados da USP, apresenta o nosso homenageado.



Auto-retrato

### ENIO SQUEFF – o artista

Quem conviveu alguma vez com Enio Squeff, acostumou-se a vê-lo desenhar elementos de circunstância ou da imaginação e, cada vez, um misto de fantasia e realidade em que o concreto imediato se transfigura, indicando um sentido que se descobre além do aqui e agora.

Há alguns anos, disse-me ele: “Durante toda a minha vida eu sempre tratei de escapar daquilo que mais queria – que era pintar – fazendo outras coisas de que também gosto, como o jornalismo, a música. Agora me decidi: já avisei minha família, estou avisando aos meus amigos: aluguei um ateliê e sempre que puder vou estar lá pintando.”

Devido a injunções profissionais e estigmas políticos, passamos alguns anos sem podermos nos ver. Um dia, Fábio Lucas, atual presidente da União Brasileira de Escritores (UBE) me disse: “Vá ver o Enio, confira se ele está tão triste quanto uma amiga minha, que viu sua exposição, achou que seus quadros expressavam.”

Encontrei o Enio radiante, em plena vitalidade. Fui ver sua exposição em setembro de 1996, no Soteropolitano, um restaurante da Vila Madalena, em São Paulo: ele havia se encontrado como pintor, havia encontrado o seu caminho na pintura.

Na exposição não havia as idílicas paisagens da natureza, pintadas com a nostalgia de quem sabe que o mundo nosso não é assim. Tudo nele eram trechos da cidade, rostos de pessoas, figuras humanas. A Vila Madalena ressurgia transfigurada em sua obra, como se ele quisesse refazer o percurso de Montmartre na história da arte.

Enio encontrou o seu caminho na pintura por meio do expressionismo alemão. Abandonou, por enquanto, as paisagens idílicas, para se perder e se reencontrar em alguns becos das grandes cidades e no rosto das pessoas. As figuras são “deformadas”, transformadas em algo mais e maior do que os modelos que as inspiraram. Na redescoberta do expressionismo alemão, encontro-o próximo de Otto Dix, com a diferença de uma profunda ternura em relação ao real que o deixa horrorizado. Ao

invés de fazer preponderar a sátira do gesto de denúncia de um mundo que, em si, é torto e deformado, tem-se em Enio uma participação ativa, uma solidariedade e até uma ternura, como se dissesse: “É ruim, mas assim o é, e nele estamos.”

Não está, porém, para deixá-lo para sempre assim, como esse mundo imundo é; e não reivindica para si a crença de que a sua arte possa mudar esse mundo por si. Não há sossego nem acomodação. De quadro em quadro, o artista exhibe os estágios de seu inconformismo com a negatividade. Não quer a duplicação do mal pela arte, nem quer “auratizá-lo”. Mantém uma distância crítica no sombrio das cores ou na deformação dos rostos, mas com a nostalgia de redimi-los para reencontrá-los melhorados num mundo melhor, como se a asa da utopia voasse em cada quadro e não pudesse pousar em nenhum. A nostalgia de quem é levado a abandonar o mundo em cada pincelada se encontra e equilibra, mediante o carinho com que cada uma também leva a recuperá-lo e refazê-lo.

**Flávio R. Kothe**

## ENTREVISTA COM EDGAR MORIN

---

A complexidade e seus demônios



*O pensador francês Edgar Morin  
está de volta ao Brasil.  
Desta vez, veio lançar o seu  
livro Meus Demônios.  
Na véspera do evento,  
ele nos recebeu para a entrevista a seguir.*

**THOT** – *Esse seu livro revela, de certo modo, algumas das fontes internas (os “demônios”, no sentido socrático do termo) que o inspiraram na concepção e desenvolvimento do pensamento complexo. Poderia começar dando uma visão panorâmica do tema?*

**MORIN** – Hoje existem redes de pesquisa do pensamento complexo, constituídas, em vários países da Europa e América Latina, como México, Colômbia e Argentina, das quais fazem parte centros universitários. Há também outros lugares onde existe interesse pelo tema, como aqui na PUC, por exemplo. Temos a intenção de realizar um Congresso Interlatino sobre o tema, ano que vem, no Rio de Janeiro, com a ajuda da UNESCO. Nesse encontro teremos várias seções. Uma delas é dedicada ao pensamento complexo propriamente dito,

outra à relação entre ética e complexidade, outra à antropologia, outra ainda aos problemas específicos da América Latina.

Contamos com seis ou oito seções, mas a finalidade geral é reunir gente que vive as mesmas situações mas que não se conhece. Quando estive na Colômbia, por exemplo, pessoas de Medellín, que trabalhavam há dois anos com pensamento complexo, não conheciam outras de Bogotá, que também estavam envolvidas com esses estudos. A finalidade do congresso, portanto, é estabelecer uma rede de intercâmbio, desenvolver conexões.

Além disso, estamos providenciando a formação de uma entidade internacional, com os mesmos propósitos. Espero que vocês participem, e para isso vou mandar-lhes a documentação necessária. O que queremos é mudar o atual modo reducionista de pensar, modificar a compartimentação do conhecimento. Há vários caminhos para isso. Nos Estados Unidos, por exemplo, existe o Instituto Santa Fé, que também se dedica a esses estudos. Ele busca sobretudo uma concepção formal, matemática, da complexidade; procura estabelecer leis para ela, o que é uma contradição. Além disso, volta-se apenas para os assuntos ligados à física e à biologia; não lhe interessam os temas humanos, as ciências humanas. Portanto, é preciso acrescentar a essa abordagem norte-americana as visões existencial e ética: solidariedade e responsabilidade. Dispomos agora das bases para tanto. Aqui no Brasil, por exemplo, há várias universidades com pessoas com quem se pode tratar dessas questões.

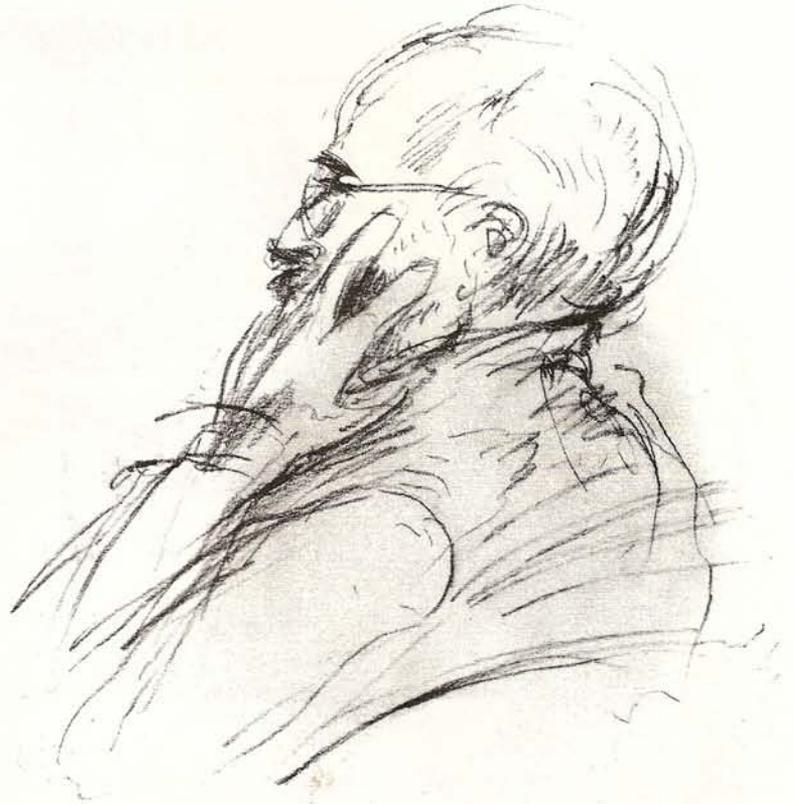
**THOT** – *Aqui há muitos exemplos dessa diversidade de pensamento. Mas ela não se articula, mantém-se estratificada. Qual é o estado atual dos estudos sobre a complexidade na Europa?*



**MORIN** – Na França, atualmente, destaca-se a Associação para o Pensamento Complexo. Existe também um centro na Universidade de Aix-en-Provence. Há ainda pessoas que pesquisam individualmente. Apesar disso, é lá que o estudo da complexidade está menos desenvolvido. Não sou profeta em meu país... (Risos). Acho que há muita resistência por parte do mundo universitário. A territorialidade das cadeiras universitárias parece não gostar muito desse tema. Certa ocasião, o diretor do CNRS (Centro Nacional de Pesquisas Científicas) pretendeu desenvolver estudos sobre a interdisciplinaridade. Note bem, não se tratava de transdisciplinaridade, e sim do primeiro passo para alcançá-la. Pois bem: promovi uma reunião na UNESCO, com todos os diretores de investigação, mas o resultado foi zero.

Existe, de verdade, uma resistência. Veja por exemplo o caso das ciências cognitivas, a neurociência, a ciência do cérebro, a ciência da inteligência artificial, a psicologia cognitiva: elas hoje poderiam formar um conjunto, articular-se entre si. Mas não o fazem. Ao invés de articulação, o que há é uma luta pelo poder: os neurocientistas aferrados ao seu reducionismo, os teóricos da inteligência artificial querendo resolver tudo pelos processos dos autômatos... E assim se desenvolve a resistência. As estruturas do pensamento são muito rígidas.

Em várias universidades da Espanha, há projetos e teses sobre o pensamento complexo. Também na Itália existe agora um centro de estudos, na Universidade de Bérgamo. Ainda não é uma coisa que tenha grande repercussão; trata-se, digamos, de um modo minoritário de pensar. No entanto, está havendo algum progresso. Acho que estamos encontrando grande compreensão nos países da América Latina. Penso que isso acontece porque



se trata de nações que estão saindo de crises, que são acostumadas a lidar com grandes contradições; países onde as universidades são identificadas com os destinos da população e nos quais existem conexões dos interesses nacionais com os do continente. Em alguns deles houve, em graus variados, uma certa convivência com a visão de mundo marxista ou leninista, que hoje em dia cria mais problemas que soluções e resultou num vazio. Isso também aconteceu na Europa, onde há agora uma espécie de política do dia-a-dia, sem perspectivas. Noto que aqui na América Latina existe uma atenção maior para esses fenômenos. É o que tenho observado, quando venho e converso com meus amigos da PUC. Percebo que podemos entender-nos, que é possível falar sem mal-entendidos.

**THOT** – *Para nossos leitores, alguns dos quais não estão acostumados com*



*determinados termos: qual é a diferença entre interdisciplinaridade e transdisciplinaridade?*

**MORIN** – A interdisciplinaridade pode ser comparada às Nações Unidas: elas estão na ONU, em seu palácio de Nova York, mas cada uma tem seus interesses nacionais e, de fato, há mais rivalidades que colaboração. Essa é a interdisciplinaridade. A polidisciplinaridade já é uma coisa mais interessante, porque há momentos em que várias disciplinas se articulam em direção a um objetivo comum. Um exemplo é a ciência da ecologia, que tem por objeto os ecossistemas, nos quais existe a organização espontânea. É o que vemos nos animais, nos vegetais, nos unicelulares, na meteorologia, na espeleologia. O ecologista precisa da competência das várias disciplinas e as chama a si, mas tem seu objeto global. Nesse caso, pode-se dizer que há uma colaboração. Com efeito, essa polidisciplinaridade já é uma pequena transdisciplinaridade.

Quando existe um objeto comum a várias abordagens que antes não colaboravam entre si, dá-se um passo na direção da abordagem transdisciplinar, porque esta necessita de um modo de pensar capaz de fazer a conexão dos objetos de várias disciplinas e organizá-las. Isso é transdis-

ciplinaridade. No passado, por exemplo, podia-se dizer que Freud tinha um pensamento transdisciplinar em dois sentidos: ele tinha como objeto uma teoria da pessoa, a partir da qual fez deduções sobre a sociedade, a respeito da história antiga (escreveu um livro sobre Moisés e o monoteísmo) e de vários outros aspectos. Também Marx tinha uma visão que permitia fazer conexões com a história, com as ciências.

Hoje em dia, porém, as bases de um pensamento como o de Marx não valem mais. A ciência tem mudado muito as coisas. As bases de Freud ainda valem, mas suas teorias estão muito dogmatizadas, muito reduzidas ao pensamento dos terapeutas e doutores. Ficou esquecida a visão antropológica, que representa talvez o que há de mais profundo no pensamento freudiano. Por isso, digo que o pensamento complexo quer sempre contextualizar e globalizar, defende a idéia da auto-organização. É uma teoria que pode conviver com os fenômenos da vida e também com os sociais, mas não no mesmo nível. Existe uma concepção básica, que é a da autonomia da organização e da relação. O termo “complexo” deve ser tomado no sentido original, que significa “aquilo que forma um conjunto”. “Complexo” é, portanto, abraçar, dar um abraço. É assim, penso eu, que devemos entender a transdisciplinaridade. Por isso mesmo, não podemos colocá-la antes da reforma do pensamento. O contrário seria pôr o carro antes dos bois.

**THOT** – *Qual é o papel da escola, principalmente a educação básica, na reforma do pensamento?*

**MORIN** – É fundamental. Devemos começar pela escola básica, primária, porque

nas universidades as idéias já estão *imprinted*, é tarde demais para mudar, apesar das exceções – tomara elas existam de fato... (Risos). Então, penso que a escola não deveria ter história, geografia etc., como disciplinas separadas. Os alunos deveriam aprender as relações que existem entre elas, o que elas significam em conjunto. Daí poderíamos caminhar para a biologia e desta à química, porque a biologia é uma organização da química; e seguir depois em direção aos temas humanos, como a psicologia, as ciências sociais, a história e assim por diante.

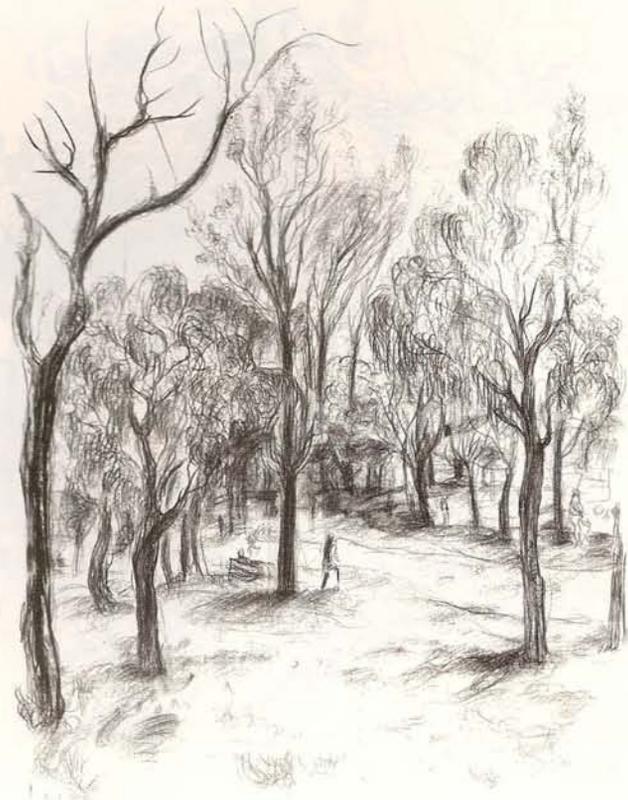
Desde o começo, portanto, é preciso mostrar às crianças que temos em nós mesmos tudo aquilo que a escola costuma separar. Nosso corpo é formado pelas mesmas partículas que deram origem ao Cosmos. Não é uma questão de destruir as disciplinas, mas de mostrar que elas fazem parte de um conjunto. Tudo isso deve ser feito sem deixar de desenvolver a auto-consciência. Quando há uma disputa, por exemplo, cada um em geral pensa que tem razão, e vê unicamente as coisas feias ditas pelo outro. Mas se pudermos entender que na exaltação, na raiva, há uma circularidade, uma recursividade, talvez possamos concluir que lutar contra o egocentrismo é procurar entender o outro, compreender que o papel de cada indivíduo só se explica em relação ao outro.

Há também uma coisa que foi esquecida: a utilidade do auto-exame – a introspecção. É algo que devemos ensinar às crianças, porque todos nós temos o que os ingleses chamam de capacidade de *self-deception*, a tendência ao auto-engano. É preciso entender que a própria recusa de adotar a posição do juiz que diz “tenho razão e os outros não” já é uma atitude ética. É importante compreender o que dizia Pascal: “O contrário de uma verdade não é uma mentira, é uma verdade

contrária”. Todas essas coisas devem ser ensinadas nas primeiras aulas da vida. Não se deve esperar para ensiná-las nas classes de filosofia.

Os problemas filosóficos são os de cada pessoa, de cada criança, de cada adolescente. É errado o modo como hoje em dia a filosofia se vende como uma especialização, uma disciplina. Ela não é nada disso: trata-se de um modo de reflexão de todos os homens. Na antigüidade, o filósofo era uma pessoa que passava adiante o que sabia. A filosofia não pode encerrar-se em si mesma. O próprio Hegel era irônico a esse respeito. Certa vez, quando lhe perguntaram o que era a filosofia, disse: “É aquilo que dá de comer aos professores de filosofia”.

Acho que no curso secundário a história não deve ser ensinada como algo apenas



nacional. Deve-se, ao mesmo tempo, ensinar as histórias continental e universal. Tomemos como exemplo a Europa. Quando se lê a história européia, depara-se com uma série de lutas, de guerras. Estas guerras fazem parte desse continente; em meio a elas se desenvolveu uma civilização. Na América Latina há fatos nacionais, mas também temas comuns a vários países, como a colonização e a imigração. Deve-se, portanto, fazer a história dos continentes *e também* a universal. Não nos esqueçamos de que antes das épocas históricas já havia populações sobre toda a Terra, civilizações que chamamos de arcaicas. Elas tinham uma coerência, um modo de viver e uma forma de auto-regulação: viviam sem Estado, sem regras

culturais, sem cidades. Esse tipo de civilização pode desaparecer, se continuar o extermínio dos povos indígenas, que devem ser preservados.

A história nasceu em três pontos do mundo, ou, melhor dizendo, em quatro: primeiro, o Oriente Médio; segundo, o Vale do Rio Indos; terceiro a China. O quarto, surgido mais tarde, é representado por dois pontos da América Latina: a América Central e também o Peru e a Bolívia, onde estavam os Incas. Assim, várias histórias se desenvolveram em todo o mundo, e depois se ligaram, por meio das navegações intercontinentais e dos grandes descobrimentos. A partir daí, iniciou-se uma história planetária. É preciso entender o processo histórico em termos de planeta, com todos os seus desdobramentos, desde os piores, como a colonização e a dominação, até os melhores, como a intercomunicação e o início da autocrítica das civilizações. É o que dizia Montaigne: por que pensamos que somos melhores do que os índios?

Outra área importante é a literatura, não unicamente como literatura em si, mas como modo de entender o mundo. Os romances, por exemplo, representam a própria vida, o ódio, o amor. Neles, cada pessoa pode encontrar a sua verdade. A literatura, por meio de suas histórias e heróis, é um grande modo de conhecimento da sociedade. Trata-se de uma forma muito rica de buscar conhecimento; o que se aprende por meio dela é muito diferente da sociologia, onde há unicamente estatísticas. Na literatura existem pessoas. Há uma música do cantor francês Jacques Brel, chamada *Les Flamencs* (Os Flamengos). Conheço uma tese que diz que essa canção proporciona um conhecimento dos flamengos melhor do que o encontrado nos livros de sociologia. É importante entender que muitas vezes é possível obter uma grande concentração



de conhecimento humano em canções como as de Brel, Léo Ferrer, Brasseur e outros.

É também muito importante iniciar o estudo da filosofia não como é feito habitualmente, mas vendo a reflexão filosófica como um modo de conexão das culturas tradicionais com a cultura científica de hoje. Atualmente, os filósofos não querem saber nada a respeito das descobertas fundamentais da ciência sobre o Cosmos e a vida. E os cientistas também não querem saber de nada que esteja fora de sua especialização. Devemos fazer tudo para estabelecer essa conexão. Penso que esse é o papel da escola secundária, que deverá ser continuado pela universidade.

A universidade deveria desenvolver iniciativas transdisciplinares. Poderíamos, por exemplo, estabelecer um "dízimo" transdisciplinar em cada uma delas. Digamos: dez por cento dos cursos versariam sobre os problemas epistemológicos da ciência, as questões fundamentais, comuns a todas as disciplinas. Essa seria uma maneira de iniciar a reforma do pensamento. Mas eu não sou o rei da França... (Risos). Acho até, como se diz, que estou pregando no deserto.

**THOT** – *Pode ter certeza de que não. Se for um deserto, é muito populoso.*

**MORIN** – Numa universidade francesa, uma pessoa interessada na problemática da complexidade e assuntos correlatos, queria fazer concurso para uma cátedra. Foi convocada pelo encarregado dessas atividades e ouviu dele o seguinte: "Se você quiser ter êxito em sua carreira, esqueça Edgar Morin. Esqueça-o".

**THOT** – *Os generalistas nunca foram bem vistos.*



**MORIN** – No entanto, eles devem ser como um maestro, como o Karajan, que conhece os instrumentos especializados e dirige todos.

**THOT** – *O senhor vê o chamado neoliberalismo como um obstáculo à reforma do pensamento?*

**MORIN** – É evidente. Não se trata unicamente do neoliberalismo, e sim de toda uma concepção de mundo que, em primeiro lugar, reduz o político ao econômico e a seguir reduz o econômico aos mecanismos do mercado; julga que este, por si só, seria capaz de promover todas as regulações e capacidades necessárias à realização do progresso humano. Portanto, não se trata apenas do neoliberalismo, mas da ideologia última de uma determinada estrutura de pensamento. No fundo,



portanto, o neoliberalismo é apenas a expressão da hegemonia do capital financeiro e de tudo o que a ele se relaciona. Essa estrutura de pensamento faz com que hoje em dia a maioria dos políticos pense unicamente em termos econômicos. É preciso ressuscitar as problemáticas política e cultural.

**THOT** – *Qual foi a repercussão, no seio da intelectualidade francesa, do seu livro Meus Demônios?*

**MORIN** – Nenhuma.

**THOT** – *Não acredito!*

**MORIN** – É, sim. O que digo sobre os intelectuais federais não agrada a muitos. O que falo sobre diversos problemas, como os políticos, é demasiado anômico, fora do “normal” e por isso não agrada. Não agrada.

**THOT** – *Talvez tenhamos de esperar mais uns dois anos para que as reflexões a respeito do livro se acumulem.*

**MORIN** – Sim, há várias traduções em vários países. Na França, porém, houve essa repulsa por parte dos setores que controlam a crítica dos diários, semanários e revistas.

**THOT** – *No entanto, o fato de que o livro já parte para uma versão de bolso é um sinal de que o “deserto” está muito populoso.*

**MORIN** – Não sei...

**THOT** – *Talvez lá na França esteja acontecendo um fenômeno que aqui no Brasil chamamos de “patrulhagem ideológica”, isto é, tentativas de impor um pensamento único. É uma forma de resistência que uma determinada ideologia opõe a tudo que a contesta.*

**MORIN** – Acho que hoje, como sempre, há várias “máfias” do pensamento, por assim dizer. Existem mundos intelectuais que têm algumas idéias comuns, e as colocam como uma espécie de jogo comum. Um exemplo histórico é o dos filósofos das Luzes, Voltaire, Diderot, e seu escândalo diante das idéias de Rousseau. Voltaire chegou a dizer que ele queria “fazer-nos andar com quatro patas”, mostrando assim que não havia entendido nada do pensamento rousseauiano. Achava que Rousseau era um tonto, que propunha que todos vivêssemos nus, no primitivismo da natureza. Essa espécie de ruptura acontece porque o mundo intelectual sempre tem seus dogmas. Havia, é claro, muita coisa valiosa na filosofia do Iluminismo, mas isso não o livrou do dogmatismo. O mesmo aconteceu um século depois, com a ruptura provocada pelo pensamento de Marx. Está acontecendo hoje e acontecerá sempre. ▲

ANDRÉ LEBON

---

# P SICO-EDUCAÇÃO: A CIÊNCIA EDUCATIVA E TERAPÊUTICA DO “VIVER-COM”

*A psico-educação, sua arte,  
técnica e dimensão humana;  
panorama didático de uma  
abordagem revolucionária.*



**ANDRÉ LEBON** é diretor geral  
do Centro de Psico-educação  
do Québec, Canadá.

**DESDE QUANDO EXISTE UMA EDUCAÇÃO ESPECIALIZADA?** – Numa revisão de textos, Maurice Capul, co-autor, com o Dr. Michel Lemay, do volume *Sobre a Educação Especializada*, surgido em maio de 1996, rastreia até o século XII citações que evocam as bases das atitudes educativas, medidas de proteção e cuidado às crianças carentes. Cito aqui algumas.



*Deveis ter, nos hospitais, um lugar especial destinado a receber as crianças rejeitadas...  
Deveis tomar o cuidado de dar-lhes professores os mais delicados que tiverdes, que sejam competentes e as amem...  
É melhor repreender as crianças do que bater nelas...*

(Instruções para os religiosos da Ordem do Saint-Esprit, fundada em 1160 por Guy, Conde de Montpellier, que demonstram um cuidado para com as crianças incomum na época.)

*Uma educação adequada terá, com efeito, repercussões a longo prazo sobre a assistência em geral: as crianças atualmente são educadas na perversão, e esse modo de instrução as influencia pelo resto da vida.*

(Extrato de um documento intitulado *Da assistência aos pobres*, publicado em Bruges, em 1526.)

*Há um total interesse em educar as crianças em escolas públicas abertas a todos, meninos e meninas.*

(Do mesmo autor)

*Um método médico-pedagógico é uma abordagem que leva em conta anomalias fisiológicas e psicológicas; é um processo que, para cada criança, parte do conhecido e do possível, por mais baixo que ela esteja na escala das funções, para levá-la, de modo gradual e sem lacunas, até o conhecido e o possível de todo mundo.*

(Edouard Séguin, por volta de 1850.)

*Vivi durante anos no meio de mais de cinquenta jovens mendigos; partilhei com eles o meu pão, na pobreza; eu próprio vivi como um pedinte, para aprender a fazer com que os mendigos vivam como homens...*

(Henri Pestalozzi, 1746.)

Este breve sobrevôo permite entrever, já naquela época, as premissas de uma filosofia educativa real e os ingredientes básicos do atual modelo de psico-educação:

- Interesse pelas crianças;
- Reconhecimento de que aquilo que é aprendido na infância se transforma num portador de sentido para toda a vida;
- Noção de *desafio pedagógico*, que diz que é necessário ir ao encontro da criança onde ela estiver;
- Noção de *normalização e integração*, quando se fala da “esperança de recuperar os mais desvalidos, integrar meninos e meninas” às escolas públicas etc.

Tudo isso mostra, portanto, que a educação especializada não é uma preocupação inteiramente nova. A evolução dos conhecimentos e tomadas de consciência, que suscitaram as experiências de Bettelheim<sup>1</sup>, Neill<sup>2</sup>, Reidl<sup>3</sup> etc., levou Jeannine Guindon e Gilles Gendreau, no começo dos anos 50, a utilizar essas noções numa abordagem nova, que se transformou na psico-educação. A seu ver, o educador é *terapeuta nos e para* os eventos do cotidiano.

Vejamos como Guindon e Gendreau definiram esse modelo psico-educativo. Citemos primeiro Guindon:

*O educador é um profissional qualificado, que se interessa essencialmente por todos os aspectos da vida da criança. Ele preenche o seu papel profissional compartilhando os acontecimentos cotidianos da vida dela e planeja os momentos, de modo a colocar diretamente em jogo o seu desenvolvimento psíquico, moral, social e intelectual.*

*Essa presença “qualitativa”, regular, junto à criança, permite ao educador fazê-la descobrir suas possibilidades, por meio de um programa estruturado para favorecer a sua participação em atividades grupais e na vida em comum. Pode-se dizer, então, que o educador contribui para o processo de socialização do jovem.*

*Por meio desses contatos cotidianos, o educador desenvolve com o indivíduo uma relação profunda, sobretudo no plano de suas inquietações e sentimen-*



*tos. Sua influência terapêutica é completada na e pela intervenção de campo sobre o comportamento da criança, que se torna possível por causa de sua presença continuada na vida cotidiana desta.*

A essa definição geral, acrescentemos algumas reflexões de Gendreau:

*A intervenção psico-educativa se inscreve na perspectiva do meio total; não há insignificâncias em educação. Nenhuma presença é mais nobre do que qualquer outra, quando se faz educação nos e pelos acontecimentos.*

O que torna a psico-educação revolucionária é justamente o fato de que ela vem sendo uma *ciência* e uma *arte* da relação e da ação educativas no compartilhamento do cotidiano, muitas vezes considerado banal e insignificante. Ela é também revolucionária na medida em que lembra a todos que o indivíduo (o jovem) está no centro de qualquer intervenção, que todos os seus gestos, palavras e silêncios constituem uma linguagem, e que escutá-la e permitir a sua existência é favorecer a criação de uma identidade, a emergência de uma autonomia. Permitir essa linguagem é compartilhar a vida cotidiana do indivíduo e criar, ao longo do dia, as condições de realização do que ele tem de melhor.

Um outro aspecto revolucionário é que a formação dos psico-educadores está integrada ao ensino



universitário num departamento autônomo, onde se reconhece a psico-educação como disciplina. A formação é do mesmo nível da proporcionada a outros profissionais de ciências humanas (psicólogos, assistentes sociais). Uma escola universitária profissional deve se preocupar com o desenvolvimento do saber, mas também com o saber-fazer e o saber-ser. Daí por que em psico-educação dá-se muito espaço à formação prática, estágios em ambientes de trabalho e supervisão profissional, incluindo a atenção para as atitudes do profissional.

#### **OS INSTRUMENTOS OU UTENSÍLIOS DA PSICO-EDUCAÇÃO –**

Em essência, as principais características que apresentaremos são extraídas do volume de Maurice Capul e Michel Lemay<sup>4</sup>.

*A convivência compartilhada* – Numerosas profissões têm por vocação ajudar as pessoas. O que caracteriza a psico-educação é o acompanhamento e a partilha do vivido, nas situações reais do cotidiano. Seu campo de ação é o banal, o ordinário, o habitual, bem como o surpreendente, o fora do comum e o cotidiano. A ação educativa é então o compartilhamento do que se vive, por intermédio de trocas verbais e atividades, e também a participação do profissional no aqui-e-agora com um ou mais indivíduos. O psico-educador é, portanto, um terapeuta, *no e para* os acontecimentos.

*A relação educativa* – Poucos duvidam da idéia de que a intervenção do educador repousa essencial-

mente no estabelecimento de uma relação com pessoas que vêm a ele ou lhe são confiadas. Essa relação se desenvolve por meio de diferentes funções, das quais falaremos a seguir.

*Função de acompanhamento* – Pelo respeito e escuta do outro, sabendo quando é hora de colocar limites, o educador deve estar presente e ser útil o bastante para se tornar significativo e, ao mesmo tempo, suficientemente distanciado para não impor sua diretividade. Acompanhar é, com freqüência, ser uma espécie de mediador entre o indivíduo e o seu ambiente. Esse acompanhamento e mediação pressupõem a identificação de objetivos realistas.

*Função avaliadora* – Ultrapassa em muito o aspecto relacional, pois está ligada à capacidade de compreender a dinâmica de um indivíduo ou grupo, no conjunto de sua realidade e limitações. É o olhar dirigido ao outro, com a finalidade de apreciar suas aptidões e limites, visando propor realizações que lhe permitam desenvolver-se.

*Função auxiliar do Eu* – É essencialmente centrada na adaptação à realidade; consiste em ajudar o indivíduo a fazer compromissos entre o seu universo pulsional, as exigências sociais interiorizadas e a realidade externa.

*Função de testemunha e de pólo de identidade* – Citemos textualmente o Dr. Lemay:

*Nada pode nascer do humano para o humano sem o encontro com as pessoas que não apenas acompanham, numa atmosfera de respeito e amor, mas*

*também se revelam capazes de “dizer” quem são, não por meio de um discurso verbal, mas pelo fato de ousar testemunhar o que são, ao longo dos atos aparentemente insignificantes do cotidiano.*

Esse intercâmbio relacional supõe uma duração, uma autenticidade e um engajamento.

*Duração ou continuidade:* é a sucessão de rupturas de laços anteriores dos indivíduos; exige a possibilidade de encontros duráveis com pessoas significativas.

*Autenticidade:* essa *significação* repousa sobre uma autenticidade de presença. Não se pode transformar uma visão de mundo *persecutória e indiferente* pelo simples fato de estar ao lado de uma pessoa, se ela for inautêntica.

*Engajamento:* é no compartilhamento, no fazer-com, que reside a *essência* da profissão de educador.

*A função de substituto parental* – A partir do momento em que uma criança é tomada sob os cuidados de alguém, no desenrolar de sua vida, desde o levantar até a hora de dormir, estabelece-se inevitavelmente um modo de relação mais ou menos durável com os homens e mulheres que evocam, por meio de seus atos e trocas afetivas, as funções em geral atribuídas aos pais. Há portanto uma *substituição*, que lembra mudança, recolocação, compensação e produz nela sentimentos muito complexos.

*A função projetiva* – Por sua função, o educador desperta, no indivíduo que está momentaneamente a seu lado, sentimentos complexos, dos quais uma parte é estranha à situação atual. Em sua presença contínua, no correr dos dias, ele faz lembrar toda uma sucessão de fatos surgidos na família, na escola, no ambiente de vida (lazer, trabalho etc.), sem que seja verdadeiramente o portador deles. Na verdade, o indivíduo projeta sobre o profissional afetos não resolvidos, padrões de funcionamento e comportamentos oriundos do passado. Desatar essas projeções, no próprio âmago da ação cotidiana, no fogo da ação, requer um saber, um saber-fazer (ações) e um saber-ser (atitudes) que lhe permitam acompanhar a criança numa nova maneira de ser.

*A função de modificação de comportamento* – O trabalho do educador favorece a aprendizagem de

certas condutas novas. Modificar as interações entre o indivíduo e seu ambiente e transformar o seu modo de adaptação fazem parte dessa tarefa.

*A função de organizador* – Com muita frequência, na literatura, os especialistas em ciências humanas se detiveram na ação terapêutica, insistindo numa de suas facetas, a de oferecer ao indivíduo “uma experiência emocionalmente corretiva”. O educador complementa essa unilateralidade por sua crença na importância de um meio que inclua mensagens coerentes e funcionamento harmonioso. “Um lugar onde se renasce”, como dizia Bruno Bettelheim, deve repousar na organização de um meio, em função das necessidades dos jovens ou adultos que nele se encontram. O que iremos abordar mais adiante, ao falar das atividades, ilustrará o potencial de um ambiente de vida *transformador*, que visa criar as melhores condições possíveis.

*A função de mediador* – Ser mediador é *colocar-se no ambiente*. O educador é sempre o personagem que tenta estabelecer uma ponte entre um ser em processo de vir-a-ser e seu ambiente (familiar, social, relacional, funcional etc.). A mediação é a intervenção por meio da qual a presença de um terceiro (o profissional) proporciona aos pais e à criança uma outra espécie de família, que permite uma revisão de mensagens passadas confusas, deformadas ou retidas. A arte do mediador consiste em oferecer um espaço e garantir, por sua presença, um modo de levar as pessoas interessadas a dar nome às suas confusões e *resituá-las* de uma forma mutuamente satisfatória.

*A função de revelador dos mal-estares individuais e sociais* – Essa função decorre do dilema no qual está mergulhado todo educador, dividido entre dois pólos. O primeiro é sua intervenção de campo, o acompanhamento de um determinado indivíduo em suas dificuldades pessoais, relacionais: visa aumentar a adaptação da criança às exigências da sociedade, valorizando as condutas socialmente aceitáveis. O segundo é a tomada de consciência do peso assustador da pobreza sócio-econômica na gênese das dificuldades dos indivíduos. O educador é então chamado a revelar, a denunciar situações sociais geradoras de injustiças, carência ou revolta; é levado a querer modificar essas circunstâncias ou condições de vida.



Às vezes, é escandaloso pretender readaptar um jovem para um ambiente e condições de vida que o destróem. Dificuldades assim, muitas vezes provocam o desejo de agir socialmente e construir meios de mudança de natureza sócio-política.

**A FACILITAÇÃO DOS GRUPOS EDUCATIVOS** – Se o educador deve estabelecer uma relação individualizada com cada um, sua ação precisa acontecer com muita frequência num grupo. Quer seja fruto de agrupamento espontâneo, no âmbito de um bairro, ou se forme numa escola, ou esteja ligado a uma associação mais estruturada, o grupo se reveste de potenciais educativos que se deve tentar utilizar ao máximo. Examinemos, de modo breve, alguns deles.

**O grupo é um lugar de socialização** – A vida coletiva, com suas inevitáveis frustrações, mas também com suas alegrias, permite que os membros de um grupo se habilitem para a execução das tarefas que nos impõe a vida em comum: precisam aprender a negociar suas próprias demandas em função das dos outros e a admitir certas diferenças. A estrutura grupal se torna cada vez mais um lugar de trocas, onde cada um aprende a se situar em relação ao outro, encontrando um território e símbolos *coletivos* que lhe permitam falar com orgulho de “*nós, o grupo*”. A reunião das realizações grupais permite tecer uma rede singular de interações, que leva ao favorecimento da descoberta da força afetiva das co-produções.

**O grupo permite que as pessoas reconheçam seu próprio funcionamento pela relação com os outros** – O valor do acompanhamento educativo é poder levar

as pessoas que vivem juntas a saber, por um lado, como são vistas pelos outros e, por outro, o que são em relação a si próprias. Pode-se então falar de um verdadeiro *espelho*, e também de um *laboratório social*, onde, devido aos atritos, desuniões e reconciliações cotidianas, cada um revive problemas de comunicação anteriores e pode modificar certas respostas, graças às interpretações do educador.

**O grupo permite a aprendizagem de múltiplas funções inerentes à vida coletiva: tomada de responsabilidade, aceitação de papéis, negociação de divergências, estabelecimento de canais de comunicação etc.** – O *savoir-faire* educativo consiste em estar atento às potencialidades que a vida coletiva oferece, e a utilizá-las para que elas proporcionem aprendizagens corretivas.

**O grupo é um lugar de realização** – Ele evolui graças à sua capacidade de realizar um conjunto de atividades que aglutinam os seus membros. O saber-fazer do educador repousa sobre a sua capacidade de mobilizar a estrutura grupal por meio de atividades construtivas.

**O grupo é um lugar de expressão** – A vida coletiva pode criar condições de escuta e de empatia mútuas, que favorecem os desejos de expressão de cada um. Quando pensamos em quantos jovens sofrem da solidão de desvalorização, em quantos são incapazes de dar um sentido às suas vidas, compreendemos que a integração num grupo pode constituir um acontecimento marcante em suas existências.

O grupo é um lugar de encontro – Para além da possibilidade de expressão, o grupo se torna um lugar significativo de encontro, pois permite que as pessoas escapem da solidão, que elas se desvelem para os companheiros e companheiras e alcancem um certo nível de convivência, por meio das refeições, jogos e outras atividades realizadas em comum.

O grupo é um portador de normas – Um grupo deixado à sua própria sorte pode ser um lugar de contágio coletivo; ao substituir o *eu*, de modo a desculpar ou justificar os membros, o *nós* os convida à diluição num magma fusional onde tudo se torna permitido. O grupo pode, assim, tornar-se um meio de regularizar condutas sociais e construir um sistema de regras, opiniões e atitudes que se tornam a sua lei. Certas constatações aconselham a utilização da estrutura grupal como um meio de dar apoio ao indivíduo que quer mudar, integrando novas orientações de vida:

- Os grupos mobilizam forças que produzem efeitos importantes sobre os indivíduos;
- Normas estabelecidas em comum tendem a se tornar regras individuais;
- Com frequência, é mais fácil mudar os comportamentos de um indivíduo num grupo do que quando se trabalha só com ele;
- Modificações individuais conseguidas num grupo têm maiores possibilidades de ser duráveis.

**A FACILITAÇÃO DAS ATIVIDADES** – Basta olhar uma criança em seu contexto familiar, escolar ou de lazer, para descobrir que ela é, antes de mais nada, um ser em relação com as pessoas e os objetos, por intermédio de atos essencialmente criativos. Eis o que diz o Dr. Lemay:

*É pela ação (atividade) que a criança experimenta e representa o seu corpo; é por esse meio que ela ocupa um lugar e se inscreve numa série de seqüências temporais, cuja continuidade, além do esforço dispendido para mantê-las, vai tecer uma trama recuperadora do passado; é pela ação que ela descobre a alegria do domínio de um ambiente e os limites colocados por este. É no compartilhamento da ação*

*que ela vai ao encontro de indivíduos amados, com os quais assimilará parcelas de identidade para construir suas próprias imagens. Na ação ela nomeará, escreverá, representará seu mundo interior; por meio do jogo, do grafismo e de todas as outras formas de expressão simbólica. Ao agir, entrará em comunicação com seus pares e descobrirá a alegria da convivência, mas também as frustrações inerentes à vida em comum.*

A psico-educação utiliza ao máximo o ambiente do dia-a-dia como universo terapêutico. O modo pelo qual se organizam e se facilitam as atividades da vida cotidiana pode acelerar ou abreviar o processo terapêutico e, por isso mesmo, a mudança. O princípio no qual se baseia essa abordagem é o seguinte: a estruturação de um ambiente, de um programa e de atividades que ofereçam ao indivíduo um universo, estímulos, motivações e a possibilidade de realizações que atendam às suas necessidades deve fazê-lo tomar consciência de seu potencial (forças e fraquezas) e funcionamento. Deve também ajudá-lo a adquirir as habilidades sociais necessárias ao desenvolvimento e recuperação do sentido de sua existência.

Com certos tipos de criança e adolescente, o trabalho se transforma num meio privilegiado de entrar em relação. As crianças carentes, por exemplo, precisam de continuidade: uma determinada atividade deve acontecer sempre no mesmo local e momento, com a mesma pessoa e utilizando os mesmos objetos. Essa “estabilidade” permite que se chegue a um modelo de ruptura relacional. Com os delinquentes, especialistas em *acting out*\*, a troca verbal é pouco útil e as psicoterapias tradicionais são, em geral, pouco eficazes. É preciso, antes, alcançá-los onde eles estão, ou seja, na rua, e oferecer-lhes atividades concretas. Já as crianças psicóticas têm necessidade de que criemos para elas, a cada dia, um ambiente estimulante que possa favorecer o nascimento do seu *eu*.

Um programa de atividades representa uma série de ocasiões que favoreçam a emergência de potencialidades. Entretanto, é preciso revê-lo sempre, a fim de estimular o jovem a se ver em ação, a reconhecer a realidade e a ela ajustar o seu comportamento. Essa terapia do aqui-e-agora permite que a criança se interroge sobre si mesma e a respeito do mundo real.



**O DIÁLOGO EDUCATIVO-TERAPÊUTICO** – Durante todo o tempo de acompanhamento de uma criança, o educador lhe propõe um conjunto de atividades que a confrontam inevitavelmente com suas capacidades e limites, com aquilo que a leva a viver seus sucessos e fracassos. Os encontros regulares com o educador são, para o jovem, uma ocasião de lembrar os *acontecimentos da semana*, de dar nome ao vivido, evocá-lo e apropriar-se dele. O acompanhamento clínico, o encontro regular, num momento e lugar precisos, é um instante privilegiado em que o jovem pode permitir-se expressar suas dificuldades e tormentos, e mesmo acusar o educador de ser a causa de suas infelicidades. Ali ele pode viver intensamente a sua aflição, sua cólera, sua raiva, enquanto o educador o leva a encontrar um sentido para os diversos tipos de relação que estabeleceu com sua família, seus pares, outros educadores. O profissional aproveita esses encontros para fazer com que o jovem reconheça os padrões de seus comportamentos repetitivos. Dará também um sentido ao que observou nele, em diferentes contextos.

Um encontro assim pressupõe que o educador exerça as atividades de base de toda conversação (escuta, respeito etc.) mas é, evidentemente, uma ocasião muito matizada pelas situações, conflituosas ou não, que ele viveu durante a semana, com a criança ou o adolescente. O que gera a força e a originalidade dessas transformações é, precisamente, o fato de que os dois protagonistas possam assistir ao mesmo

acontecimento, mas nem sempre o interpretem da mesma maneira. A conversa educativa regular permite ao jovem buscar algumas metas:

- Tomar consciência de certos comportamentos;
- Repensar o que conseguiu de bom e ver-se de um modo mais positivo;
- Refazer a cronologia dos eventos, rever o seu desenrolar no espaço;
- Descobrir sua aptidão para intervir sobre os acontecimentos ou antecipá-los;
- Estabelecer ligação entre os seus comportamentos atuais e passados;
- Decodificar certas senhas, ou determinadas situações não compreendidas;
- Aprender a sintetizar;
- Descobrir suas aptidões para determinadas atividades;
- Saber exprimir suas emoções e estados de tensão, substituindo a palavra pela ação;
- Descobrir o prazer da comunicação verbal.

**O TRABALHO COM AS FAMÍLIAS** – Segundo a mentalidade dominante nos anos 50 e 60 – primeiros tempos da psico-educação –, e de acordo com os conhecimentos disponíveis na época, acreditava-se que era preciso retirar os jovens do seu meio natural. Presumia-se,

com efeito, que ele vivia num ambiente pouco propício ao seu desenvolvimento e que era melhor oferecer-lhe um ambiente do tipo *cuidados intensivos*, em que tudo contribuiria para a sua recuperação: relações significativas com adultos qualificados, atividades susceptíveis de realçar sua auto-estima, interações contextualizadas e estimulantes com outros jovens; tudo, enfim, que pudesse favorecer o desenvolvimento de novas habilidades sociais.

Uma tal concentração de *fatores favoráveis* permitiria esperar que, ao sair do internato, o jovem estivesse preparado para reconstruir em novas bases as relações com sua família, amigos e ambiente. Ora, as pesquisas que Le Blanc e outros fizeram em Boscombe demonstraram que, apesar de todos os sucessos observados, o índice de fracassos e recidivas era elevado, porque não se conseguia a reinserção social dos delinquentes. Esses resultados forçaram os educadores (os intervenientes), e a psico-educação em geral, a reconsiderar seu trabalho com a família, os amigos e o meio natural do jovem.

As novas abordagens (orientação sistêmica, *empowerment*\*\*) fizeram ressurgir a importância do trabalho educativo junto às famílias, no processo de intervenção de readaptação. De acordo com essas orientações, os contatos são mantidos, o jovem e os pais reencontram seu papel de primeiros responsáveis por seus destinos e o educador age como mediador. O esforço terapêutico atrai a criança e sua família e ajuda cada um a descobrir suas competências e apropriar-se delas. Cada qual reencontra suficiente confiança e auto-estima para confrontar e resolver seus problemas.

Esse modo de ação significa, pois, que se dispõe de mais tempo com as forças das pessoas do que com suas fraquezas, e que se tende a devolver a cada um o *poder* de agir sobre situações problemáticas. A guinada para um alargamento da intervenção, que integra a família imediata, engloba também o ambiente da criança, seu *meio natural*. As possibilidades de alianças educativas são múltiplas. Pesquisas recentes mostram que é possível constituir toda uma rede de ajuda na própria vizinhança de um jovem em dificuldades. Este, então, se encontra com muitos adultos e pode estabelecer com eles laços privilegiados,

quer se trate de professores, comerciantes, facilitadores de lazer, vizinhos ou outros. Assim, é tarefa do educador fazer ver a essas pessoas o papel que podem desempenhar: o de se tornarem participantes da educação do jovem, jamais esquecendo que essas alianças *educativas* devem ser criadas na própria rede de indivíduos significativos para este. Esse modo de agir implica um desdobramento da ação educativa, em combinação com os parceiros que vivem no ambiente imediato.

**A FORMAÇÃO EM PSICO-EDUCAÇÃO** – De acordo com a concepção psico-educativa de intervenção, a formação e a qualidade do educador são essenciais. Nessa área, a preparação profissional é uma questão de saber, saber-fazer e saber-ser. O *saber* se refere, em primeiro lugar, ao conhecimento: inteirar-se das



características gerais da clientela e das diferentes etapas de seu desenvolvimento. O conhecimento se refere às habilidades sociais necessárias ao desenvolvimento de cada uma dessas etapas, e também às competências parentais necessárias para favorecê-lo. Muitos pais, particularmente entre os mais desprovidos (mães solteiras, sem instrução, pobres etc.) têm sido, eles próprios, violentos ou violentados, negligentes ou vítimas de negligência etc. Daí a importância de ajudá-los a adquirir as capacidades educativas indispensáveis ao desenvolvimento de seus filhos. O saber supõe, igualmente, um bom conhecimento do ambiente da criança: organizações susceptíveis de ajudá-las (escolas, lazer) e também uma rede de adultos significativos.

O *saber-fazer* se refere às habilidades instrumentais do educador. É a *caixa de utensílios* do interveniente clínico na ação educativa. Ele precisa dessas capacidades em cada uma de suas operações profissionais. Eis as mais importantes:

a) *A observação* – Referimo-nos aqui a uma observação *metódica* das características do indivíduo, de suas necessidades, ambiente, rede de relações. Trata-se também de uma observação *participante e contínua*, que se faz na ação, no acompanhamento da criança, numa vida compartilhada.

b) *A avaliação diagnóstica* – A partir de suas observações e vivência compartilhada com a criança e o que ela compreende, o interveniente deve formular hipóteses no que se refere às necessidades do jovem – o tipo de apoio de que ele terá necessidade. Isso supõe a colocação em prática de mecanismos de revisão dessas hipóteses.

c) *O planejamento* – A avaliação diagnóstica da criança não tem outro objetivo senão o de estabelecer, de modo pragmático, os objetivos e os meios de ajudá-la em seu desenvolvimento. A elaboração de um plano de serviço para o jovem, estabelecido com sua participação, se sua idade o permitir, e associando a participação dos pais, vai muito além de uma operação técnica. Esse plano de serviço, ou plano de cuidados, constitui o contrato social entre o interveniente e seus parceiros, que são o jovem e sua família. Essa associação garante o realismo dos objetivos pretendidos.

O perigo que ronda os intervenientes é que eles dediquem (em geral, de modo competente) muito tempo e energia à observação, avaliação e planejamento, sem chegar à ação e ao acompanhamento cotidiano. Esse é um defeito bastante observado entre os educadores mais instruídos e afastados da ação (chefes, diretores, conselheiros etc.). Além disso, os intervenientes sociais – os principais implicados no acompanhamento do jovem no cotidiano – podem ser de tal modo monopolizados por urgências e crises de toda sorte, que acabam não tendo tempo para refletir, deter-se para discutir sua orientação e formular um plano de intervenção. É essencial estabelecer um equilíbrio entre o tempo gasto com o entendimento de uma determinada situação e a energia dispendida para pôr em prática as condições necessárias ao desenvolvimento da criança.

d) *A organização* – Consiste, precisamente, em pôr em prática essas condições. Responder às necessidades do jovem, criar um ambiente de vida que favoreça as transformações, eis a principal função do educador-organizador.

e) *A facilitação* – A animação de um programa de acompanhamento (compartilhar a vida da criança, propor atividades) é a pedra angular do trabalho do interveniente educador. Viver-com é, ao mesmo tempo, ser uma testemunha privilegiada do universo do jovem, partilhar com ele sua realidade e ajudá-lo a dar um sentido pessoal aos acontecimentos do seu dia-a-dia.

f) *A utilização* – A utilização (espontânea e contínua) que o interveniente fará, na prática, de todo o potencial *educativo* da convivência com a criança (oportunidades de relacionamento, desenvolvimento de habilidades sociais) é a verdadeira meta da relação educativa. Essas horas de vida compartilhada permitem ao educador partir dos eventos para levar o jovem a refletir sobre o seu comportamento, modo básico de estabelecer relacionamentos e atitudes em relação ao meio (amigos, família etc.). A tomada de consciência permite que ele aprenda comportamentos sociais que facilitem sua adaptação à realidade e não à sua marginalidade.

Depois do saber e do saber-fazer, o interveniente deve estar atento ao desenvolvimento do seu



*saber-ser*. A personalidade do educador é o seu principal instrumento de trabalho. Sua autenticidade, engajamento, coerência, ética, modo de ser justo, respeito etc., são os ingredientes essenciais para o estabelecimento de uma relação de confiança com o jovem, que se tornará significativa e transformadora para ele. Os jovens precisam de modelos. Estes podem ser imperfeitos, cometer erros, mas devem oferecer o melhor de si mesmos. O amor e a participação podem não ser o bastante, mas são indispensáveis. Os intervenientes são, portanto, o bem mais precioso de um sistema de ajuda à juventude. A seleção rigorosa e a exigência de uma formação mínima não nos dispensam da responsabilidade de oferecer-lhes um apoio profissional regular e constante, dada a importância do mandato que lhes confiamos.

**A SUPERVISÃO** – A supervisão profissional constitui para o educador um lugar de reflexão sobre a sua prática. Ela o ajuda a clarificar seu modo de implicação no processo educativo. O termo *supervisão* sem dúvida não é dos mais felizes, porque em geral tem a conotação de hierarquia/subordinação. Na linguagem corrente, é muitas vezes sinônimo de controle. Para nós, no entanto, significa mais um recuo, uma tomada de distância em relação à situação relacional e educativa.

A supervisão pode ser individual ou de grupo. O objetivo da individual é proporcionar ao educador uma melhor compreensão de si mesmo em relação ao trabalho que efetua. A criança permanece, portanto, no centro do processo. Este é, essencialmente, um encontro de *reflexão* sobre o desenrolar da ação educativa: as atitudes do educador, as respostas da criança, a vida do grupo, suas atividades etc. Essa reflexão pressupõe que o educador conheça as suas próprias ressonâncias emocionais, porque a reflexão se torna difícil quando estas estão muito envolvidas na convivência. A supervisão lhe permite um certo distanciamento crítico, que o leva a ver melhor como está se comportando no grupo; permite que o educador tome consciência de seus recursos e os utilize melhor, mas pode também proporcionar-lhe apoio, quando necessário.

De um lado, portanto, a supervisão facilita ao educador uma tomada de consciência de suas capacidades e limites e dos sentimentos que os sustentam, tanto do ponto de vista das crianças como do ângulo pessoal. De outra parte, permite que ele aprenda, que examine o trabalho realizado, que considere as conseqüências do programa e avalie as interações do grupo. Graças às trocas que suscita, o processo de supervisão também o ajuda a definir as diversas funções da equipe, para que possa explorar ao máximo as suas observações, a fim de atender às necessidades de cada criança, adaptar seu quadro de vida às

suas necessidades e avaliar suas melhoras. O campo de intervenção do supervisor é a realidade profissional, tal como vivida e relatada pelo educador.

A supervisão em grupo favorece o intercâmbio entre colegas e tem certas vantagens: reconhecimento de problemas semelhantes, compartilhamento de soluções, ajuda mútua, definição de orientações, diminuição da ansiedade quando se descobre que não se está só com suas dificuldades. A formação dos intervenientes em psico-educação – e nas ciências humanas em geral – não é um simples conjunto

de *receitas* a memorizar; precisa ser permanentemente *integrada e ajustada* à prática. A supervisão é um instrumento essencial para o educador que deseja integrar saber, saber-fazer e saber-viver.

**CONCLUSÃO** – Concluimos este sobrevôo sobre a psico-educação citando três textos que ilustram as três janelas da formação.

#### O saber

*Uma escola profissional tem a responsabilidade não apenas de desenvolver o saber, mas de proporcionar a oportunidade de cultuá-lo. Esta não tem o risco de se tornar paralisante, porque aquele que sabe possui senso de relatividade e aquele que intervém descobre, com rapidez, a relatividade de sua ação.*

Gilles Gendreau<sup>5</sup>

#### O saber-fazer

*O que torna a psico-educação revolucionária é justamente o fato de que ela é ciência e arte da partilha da relação e da ação educativa no cotidiano, muitas vezes considerada banal e insignificante. É revolucionária ao lembrar a todos nós que o indivíduo está no centro de toda intervenção, que todos os seus gestos, palavras e silêncios constituem uma linguagem, e que escutá-la e permitir sua existência é favorecer a criação de uma identidade e a emergência de uma autonomia. Permitir essa linguagem é compartilhar a vida cotidiana do indivíduo e criar, ao longo do dia, as condições de realização do melhor que há nele.*

André Lebon<sup>6</sup>



*Certas palavras têm sido de tal modo aviltadas ou mal utilizadas que se tornaram gastas. Aconteceu assim com termos como “engajamento”, “disponibilidade”, “respeito ao outro”, “amor” e “segurança”. Sabemos, entretanto, que toda pessoa, quando perguntada sobre o que viveu de positivo ou negativo ao lado de uma equipe educativa, durante a sua infância, retoma essas expressões sempre que quer transmitir o que recebeu e o que deixou de receber. Há como que um envoltório existencial básico, onde se exerce a convicção de ser desejado tal como se é, na relação com um outro que soube se manter em segundo plano para o bem do relacionamento. Sem esse enraizamento, tecido pelos gestos da convivência, todos os discursos teóricos sobre a afetividade parecem vãos. Ter descoberto, na estabilidade de um relacionamento, que seu ser é suficientemente reconhecido, para daí exercitar uma mobilização de energias livremente harmonizadas para a sua pessoa, continua sendo o motor essencial de todo desenvolvimento. Pouco importa que tenha havido gestos de irritação, rejeições momentâneas e injustiças passageiras, se esses “débitos” são ocultados no plano mais profundo do eu das pessoas. ▲*

Michel Lemay<sup>7</sup>



#### NOTAS

- \* *Acting out*. Atuar; transformar em atos pulsões inconscientes.
- \*\* *Empowerment*. Delegação de competência. Termo muito utilizado nos livros de administração.
- 1. Em *Un lieu où renaître, l'amour ne suffit pas, L'école orthogénique de Chicago*.
- 2. Em *Libres enfants de Summerhill, la liberté par l'anarchie*.
- 3. Em *L'enfant agressif, Les 23 heures*.
- 4. Capul Maurice; Lemay, Michel (1996). *De l'éducation spécialisée, Éres*.

- 5. Discurso de recepção aos estudantes em psico-educação, setembro, 1982. (Gilles Gendreau era então diretor da Escola de Psico-educação da Universidade de Montreal).
- 6. Conferência dada na Escola de Educadores Especializados de Genebra, Suíça, em outubro de 1996.
- 7. Capul, Maurice; Lemay, Michel (1996), *op. cit.*

Este artigo corresponde a uma palestra dada pelo autor na Associação Palas Athena, em 1º de novembro de 1996.

ROBERT WALTER

# ERA UMA VEZ . . .

*O ser humano, suas imagens e histórias: um pequeno périplo pelas veredas do imaginário.*



**ROBERT WALTER** é executor literário do mitólogo Joseph Campbell e diretor de sua obra *Historical Atlas of World Mythology*, que completou após a morte do autor. Este artigo corresponde ao prefácio do livro *World Mythology*, de Walter, editado por Roy Willis em 1993.

- Que tal este, C. J.? – perguntei, entregando ao meu filho de sete anos o livro de histórias que havia tirado da prateleira da biblioteca. Ele examinou a capa. – Quer tentar lê-lo?
- Já sei como começa – respondeu, sem abrir o livro.
- Você sabe? Como é, então?
- “Era uma vez...” Todos começam assim. Por quê?
- São casos que aconteceram há muito tempo.
- Sim. Mas as mesmas coisas também acontecem agora.
- Às vezes.
- Hum-hum – resmungou, folheando o livro. – Sabe de uma coisa, Bob?
- Sim?
- Algumas vezes... certas histórias... Acabo não sabendo o que aconteceu nelas, afinal.
- Provavelmente não.
- Mas tudo bem – concluiu ele, rápido. – Mesmo assim são muito boas.

Quase todo mundo gosta de uma boa narrativa e certamente isso acontece com todas as crianças. Na verdade, o homem tem sido chamado de “o animal que conta histórias”. Nosso conceito de si-mesmo – a noção de quem somos, de onde viemos e para onde estamos indo – é definida pelo que contamos. Somos, em essência, o que dizemos a nós mesmos que somos. Num romance recente, o narrador faz esta revelação:

*Equilibrando-me com cuidado, em pé sobre a pedra, entendi a história. Ei-la:*

*A vida é um sonho. No fim das contas, é um caso que contamos a nós mesmos. As coisas são sonhos, apenas sonhos, quando não estão diante dos nossos olhos. O que está à nossa frente agora, o que podemos alcançar e tocar, acabará se tornando um sonho.*

*O que evita que flutuemos ao sabor do vento são os nossos relatos. Eles nos dão um nome e nos colocam num lugar; permitem que nos mantenhamos em contato.<sup>1</sup>*

As histórias nos capacitam a manter relações uns com os outros. É como se fossem janelas, cada uma emoldurando a visão de uma paisagem diferente, que de outra forma jamais conheceríamos; e, paradoxalmente, não importa o quão única é uma determinada perspectiva ou a estranheza de um panorama; se observarmos com cuidado poderemos aprender algo a nosso próprio respeito. Meu amigo e mentor, Joseph Campbell, um hábil contador de casos que apreciava uma história bem tramada, explica:

*Contar e recontar casos ancestrais, pelo simples prazer do “era uma vez”, é uma arte pouco praticada em nossos dias, pelo menos no mundo ocidental; e todavia, quando (...) uma colorida amostra dessa arte (...) é trazida a nós, o encantamento funciona e a imaginação nos leva para uma Terra do Nunca que, de alguma forma, já conhecíamos há muito tempo... Sua fascinação é a dos modos de vida fundamentalmente diferentes dos nossos, que falam a alguma parte de nós à qual talvez não houvésemos prestado atenção: o lado da fantasia e do sonho, que pode conduzir à visão e daí a alguma espécie de revelação – senão a respeito do Universo, pelo menos acerca de nós mesmos.*

Porque no passado, e mesmo hoje, por intermédio de um mundo primitivo que está desaparecendo rapidamente, mesmo nos cantos mais ocultos da Terra, as pessoas viviam a partir de visões, sejam as dos grandes mestres, como Buda, Moisés, Zaratustra, Jesus e Maomé, ou, em terras menos desenvolvidas, as dos videntes e xamãs de seus próprios povoados. Em consequência, os tecidos e obras de arte que produziam eram moldados pelas imagens que configuraram suas vidas; e elas falam subliminarmente às nossas possibilidades de ver o mundo, conversam sobre qualidades de vida que já perdemos de vista ou que ainda esperamos para ser percebidas.<sup>2</sup>

Há uma distinção crucial implícita nas observações de Campbell: quase toda boa história nos encanta e ensina algo, mas apenas algumas visões enganosas, certas narrativas que têm o poder de configurar e controlar nossas vidas, podem nos inspirar e, muitas vezes, destruir-nos. Esses relatos atemporais e poderosos – insiste ele – são os únicos que podem ser propriamente chamados de “mitos”. Por extensão, a mitologia é o estudo dos relatos que têm esse poder.

Nem todos, porém, concordarão; muitos, quem sabe a maioria, se sentem bem mais confortáveis com a definição restrita de Robert Graves, na *New Larousse Encyclopedia of Mythology* (Nova Enciclopédia Larousse de Mitologia):

*Mitologia é o estudo de quaisquer lendas religiosas ou heróicas, que se mostram tão estranhas à experiência do pesquisador que ele não pode considerá-las verdadeiras. Daí o adjetivo inglês “mítico”, significando “inacreditável”; e daí também a omissão das enciclopédias européias de mitologia (inclusive esta) em relação às narrativas bíblicas, mesmo as mais estreitamente relacionadas com os mitos da Pérsia, Babilônia, Egito e Grécia; o mesmo vale para as lendas hagiográficas.<sup>3</sup>*

Essas observações justificam algumas considerações, especialmente em livros como este, no qual há omissões semelhantes. Entretanto, na perspectiva isenta de Campbell, nenhuma hagiologia – inclusive a Bíblia – representa a revelação divina da Verdade



incontestável, porque todas elas são, de fato, elaborações humanas, contos assombrosos, mitos maravilhosos que falam do “era uma vez”:

*Do ponto de vista de qualquer ortodoxia, o mito poderia ser definido simplesmente como “a religião dos outros”; para estes, uma definição equivalente de religião poderia ser “mitologia mal compreendida”; o equívoco consistiria na interpretação ao pé da letra de referências e metáforas míticas....*

*Como os sonhos, os mitos são produções da imaginação humana. Por isso as suas imagens, embora derivadas do mundo material e de sua suposta história, são, como os sonhos, revelações das esperanças mais profundas, dos desejos e temores, das potencialidades e conflitos do desejo humano – o qual, por sua vez, é movido pelas energias dos órgãos do corpo, que operam de várias maneiras, mas em harmonia uns com os outros. É importante assinalar que todo mito é, de modo intencional ou não,*

*psicologicamente simbólico. Portanto, suas narrativas e imagens devem ser lidas não de modo literal, mas como metáforas.*<sup>4</sup>

Para Campbell, então, todos os mitos são “transparentes para a transcendência”, isto é, metáforas psíquicas reveladoras de axiomas universais. Entretanto, muitos sustentam que seus próprios mitos são fatos literais, enquanto que os dos outros não passam de ilusões. Para que você não pense que essa distinção é apenas acadêmica, basta ligar a tevê nos noticiários noturnos ou verificar as manchetes de qualquer jornal. Aqui está uma amostra de uma única edição do *The New York Times*: “Índia Castigada Pela Violência Religiosa: Mais de 3.000 Muçulmanos Mortos em Ataques de Militantes Hindus”; “Sérvia Acusada de ‘Faxina Étnica’ na Bósnia”; “Tumultos Causados por Simpatizantes de Líderes Militares Causam Devastação na Capital da Somália”; “Impasse nas Negociações de Paz no Oriente Médio”.

Mesmo na chamada seção de amenidades do mesmo jornal, pode-se ler:

*Salman Rushdie passou os últimos quatro anos esperando por algum milagre diplomático ou político, que pusesse fim ao medo e à clandestinidade em que tem vivido desde que as autoridades iranianas ofereceram uma recompensa de milhões de dólares pela sua execução, depois que o aiatolá Ruhollah Khomeini declarou que o seu romance Os Versículos Satânicos (Viking) era blasfemo em relação ao Islã.*<sup>5</sup>

Recompensas por delação, rajadas de balas, bombas, brutalidade escancarada, barbárie... Inacreditável, não? Pensamos em nós mesmos como uma espécie inteligente e, todavia, às vésperas do século XXI, ainda somos assolados por antigas inimizades tribais, a maioria das quais alimentadas por interpretações reducionistas de histórias exemplares e sagas heróicas, que vêm passando de mão em mão pelas gerações afora. Além disso, como Campbell tem repetidamente notado, toda essa violência é, desde sempre, a consequência trágica e inevitável, de interpretações literais de imagens mitológicas, de metáforas:

*No pesadelo popular da história, em que imagens míticas locais são interpretadas, não como metáforas mas como fatos, guerras ferozes têm sido travadas entre os adeptos de maneiras opostas de interpretação metafórica...*

*O que nos leva a perguntar: como pode esse literalismo contribuir, a não ser gerando angústia, para um mundo como o de hoje, cujo futuro deverá ser cada vez mais global, intercultural? Tudo isso nos leva à leitura equivocada de metáforas, à troca de denotação por conotação, à confusão entre mensageiro e mensagem. Em consequência, os condutores de significados são sobrecarregados com um tremendo peso emocional e desse modo desequilibram-se a vida e o pensamento. Para corrigir esse estado de coisas, a providência que tem sido proposta é, nada mais nada menos, a teimosia de querer eliminar as metáforas, tachando-as de mentirosas (o que na verdade são, quando construídas como tal), apagando assim de todos os dicionários a linguagem da alma (isto é uma metáfora), por meio da qual a humanidade tem se*



*elevado a interesses além da procriação, da economia e do "bem maior dos grandes números".*

*Será que ouço, vindo de algum lugar – ou de lugar nenhum –, o som assustador de uma risada olímpica?*<sup>6</sup>

Você tem em mãos um texto sobre mitos, ou seja, um livro a respeito de metáforas, o instrumento dos poetas e artistas. Suas páginas estão vivas; nelas ressoam as vozes e aparecem as visões dos construtores de mitos que passaram antes de nós, com seus relatos e imagens, com a "linguagem da alma". Leia estas páginas como se fossem um diário de sonhos, porque a tarefa do ser humano moderno é interiorizar a simbologia mítica; dar-se conta de que todos os deuses e

demônios são interiores; entender que o céu, o inferno e todos os reinos não estão situados "lá fora", num lugar para onde você deverá ir quando morrer, mas são estados psicológicos que residem dentro de todos nós; compreender, em suma, que as imagens mitológicas são manifestações da nossa experiência imediata.

Dessa maneira, se você abordar este livro com a mente aberta, com a inocência da criança para quem o mundo é mágico por natureza, explorará paisagens exóticas e descobrirá maravilhas inéditas; e se tornará outra vez familiarizado com os deuses antigos, com os demiurgos ancestrais que ainda vivem dentro de nós; apreenderá muito a respeito de antepassados, vizinhos e a respeito de você próprio; e, é claro, ouvirá muitas narrativas que começam com "era uma vez". ▲

## NOTAS

1. Tom Spanbauer, *The Man who Fell in Love with the Moon* (Nova York: Atlantic Monthly Press, 1991), p. 190.
2. Joseph Campbell, *Myths from West to East*, ensaio contido em Alexander Eliot: *Myths* (Nova York: McGraw-Hill, 1976), p. 31.
3. *New Larousse Encyclopedia of Mythology*, traduzida por Richard e Delano Ames, e revista por uma equipe de conselheiros editoriais da *Larousse Mythologie Générale*, editada por Félix Guirand e originalmente publicada na França (1959) por Augé, Gillon, Hollier-Larousse, Moreau e Cia., Livraria Larousse, Paris (Nova York: Putnam, 1968), p.v.
4. Joseph Campbell, *The Inner Reaches of Outer Space: Metaphor as Myth and as Religion* (Nova York: Van der Marck Editions, 1985; Harper Perennial, 1988), p. 55.
5. Esther B. Fine, Book Notes, *The New York Times*, February 17, 1993, p. C117.
6. *The Inner Reaches of Outer Space*, op. cit., p. 58.



VERONICA RAPP DE ESTON

---

# FÍSICA E PSICOLOGIA NO SÉCULO XX: UMA NOVA VISÃO



*Das tradições milenares à física  
de partículas, a jornada do  
pensamento humano em  
busca de si mesmo.*

**VERONICA RAPP DE ESTON** é médica, professora associada e co-fundadora do Centro de Medicina Nuclear da Faculdade de Medicina da USP e membro da Associação Palas Athena.



Os primeiros 25 anos do século XX presenciaram uma verdadeira explosão dos conhecimentos da física. Em seu transcorrer, tornou-se evidente como os conceitos da visão cartesiana-newtoniana eram demasiadamente estreitos para explicar os novos fenômenos que se apresentam ao conhecimento humano. A descoberta da física subatômica transformou o que parecia muito bem estabelecido, revelando um Universo novo e muito mais complexo do que se imaginava.

Os novos conhecimentos tiveram uma extraordinária repercussão sobre a visão de mundo das pessoas, em quase todos os setores da atividade, e abrangeram não apenas as ciências exatas mas também as humanas. O mais interessante, no entanto, foi a percepção de que a nova estrutura do Universo, que vinha sendo revelada pelos métodos experimentais mais avançados, já havia sido intuída, há milênios, pelos povos mais voltados para o mundo espiritual.

**O UNIVERSO NEWTONIANO-CARTESIANO** – Por mais de 150 anos, o mundo vinha sendo visto pelas idéias de Descartes e Newton, que recapitularemos de modo breve. Segundo René Descartes (em latim, *Renatus Cartesius*), filósofo e matemático que

viveu na primeira metade do século XVII, o mundo era uma grande máquina, cujo funcionamento poderia ser totalmente conhecido e descrito por meio de fórmulas matemáticas. Para ele, o homem seria capaz de descobrir o funcionamento desse mecanismo e assim dominar o mundo físico. Descartes defendeu a dualidade corpo-mente: chamou o corpo de *res extensa* – o objeto –, e a mente de *res cogitans*, a coisa pensante – o sujeito. Deus, na qualidade de *res infinita*, seria exterior ao homem: como se fosse um feitor, regeria o bem e o mal. Descartes considerava a matemática como a base da ciência, em todos os campos, e acreditava que as várias ciências poderiam ser unificadas, assim como os ramos saem do tronco de uma árvore.

Isaac Newton, que viveu na segunda metade do século XVII, conseguiu formular essa grande máquina em termos de leis matemáticas. Seus conceitos foram integralmente aceitos pelo mundo científico por mais de 150 anos. Parecia, de fato, que o homem seria capaz de manobrar o mundo natural segundo os seus critérios. As idéias estavam de tal modo enraizadas que, no fim do século passado, vários dos mais eminentes físicos aconselhavam seus discípulos a parar com as pesquisas físicas, pois já não havia nada importante a ser descoberto: faltavam apenas alguns pequenos ajustes no funcionamento da grande máquina.

Tudo isso gerou a imensa euforia do cientismo da segunda metade do século passado: em breve todas as doenças seriam curadas, haveria comida suficiente para todos e a vida neste planeta seria um paraíso. No dizer pitoresco de Bernard Shaw, “Todo mundo teria de ser feliz, quisesse ou não”.

Newton achava que o Universo era feito de objetos sólidos, compostos de

átomos indivisíveis – os blocos fundamentais da construção. Ele estudou as leis dos movimentos planetários, das máquinas mecânicas e dos fluidos em movimento contínuo. No seu modo de entender, o espaço seria tridimensional e o tempo linear, absoluto. Todas as reações físicas teriam causas também físicas. O mundo seria sólido e, em grande parte, imutável. Seu funcionamento seria governado por um conjunto de regras claras e definidas. Esse Universo seria pré-fixado e contrário à idéia de evolução, pois tudo estaria predeterminado, nada poderia ser modificado. Não haveria, portanto, livre-arbítrio. As leis de Newton, consideradas como o fundamento da física clássica, explicam a queda dos corpos, a trajetória dos projéteis e dos satélites terrestres, os movimentos dos planetas e outros deslocamentos macroscópicos. A mecânica newtoniana descreve também a conservação da energia e do momento angular.

A química do século XIX nos ensinou que a matéria é feita de moléculas e de átomos. Esse conhecimento, combinado com as leis de Newton, desfez um grande mistério, por meio da teoria cinética do calor. Entretanto, já no início daquele século, Faraday e Maxwell, estudando os fenômenos eletromagnéticos, criaram o conceito de campo magnético, condição do campo de produzir uma força de atração sobre outra. O Universo estaria cheio de campos criadores de forças que interagiriam umas com as outras.

Os resultados dessas experiências não podiam mais ser explicados pelas leis de Newton, mas foram simplesmente considerados exceções que confirmam a regra. Os “estranhos” fenômenos eletromagnéticos foram explicados pelo conceito de carga e pelas leis da eletricidade então descobertas, que elucidavam as “estranhas” interações das cargas, tanto as estacionárias como as em movimento.

**A FÍSICA QUÂNTICA** – Em dezembro de 1900 – data considerada como o ponto de mutação da física –, Max Planck apresentou, num congresso, os dados de uma experiência com corpos negros irradiados que emitem calor em pequenos “pacotes” e não de maneira contínua, como postulavam as leis de Newton. Planck chamou cada um desses “pacotes” de um *quantum* de energia.

Surgiu assim a física quântica, que teria uma influência decisiva sobre a visão de mundo do século XX. A palavra *quanta* acabou sendo considerada como representativa de algo novo, diferente, e passou a ser usada em contextos fora da física. Fala-se, por exemplo, em medicina quântica, ser quântico, cura quântica etc. A física quântica está cheia de imagens que quase imploram aplicação na vida diária. O princípio da incerteza, de Heisenberg, há muito invadiu a linguagem dos sociólogos e psicólogos. A idéia do salto quântico tornou-se uma expressão usada para designar qualquer espécie de mudança rápida. Existe, em Londres, uma Sociedade Quântica (trata-se de uma agência de turismo) e, em Chicago, uma Mecânica Quântica – na verdade uma oficina de motocicletas.

No nosso dia-a-dia, estamos acostumados às idéias newtonianas, que nos descrevem um mundo sólido, bem estruturado, em que a maioria das coisas é previsível e onde uma ação provoca uma reação igual e contrária. Isso nos permite medir de modo correto a velocidade e a trajetória de um veículo, ou mesmo de um projétil de artilharia. A física newtoniana continua válida para o nosso cotidiano, mas representa apenas um conjunto menor dentro de um maior, que abrange não apenas o mundo sólido, atômico, mas também o universo subatômico (Fig. 1).

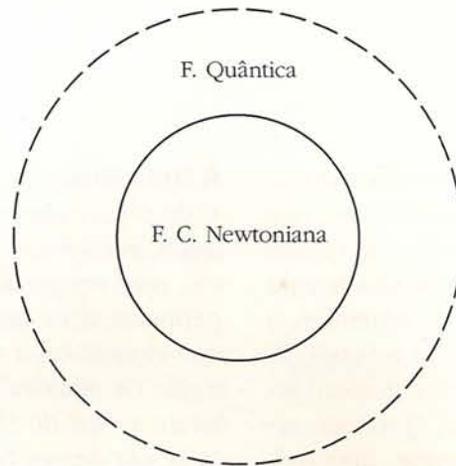


Figura 1: Física Cartesiana-Newtoniana: fechada.  
Física Quântica: aberta.

Para essa dimensão subatômica, o que foi descrito por Newton não é mais válido. Ao observarmos um elétron, usando a luz, poderemos saber onde ele estava com uma certa precisão. Mas quando a luz incide sobre ele a sua velocidade muda, e a medida nos informará apenas sobre a sua situação naquele momento. No mundo subatômico, as medidas são reduzidas a uma escala de cerca de 10 milhões de vezes e proporcionais à constante de Planck. Para os fenômenos quânticos, elas não são mais absolutas e só podemos falar em probabilidades. Nada mais é certo ou errado, as coisas podem acontecer ou não, nada é predeterminado. Esses novos conceitos tiveram uma influência crucial sobre a visão de mundo deste século.

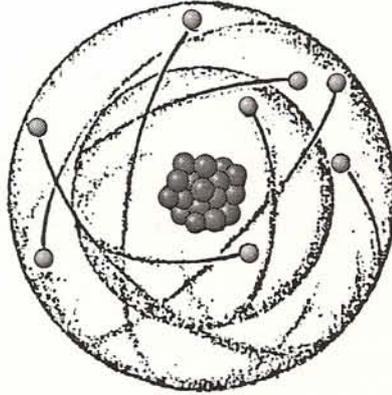
**O MUNDO SUBATÔMICO** – Newton acreditava que a menor partícula de matéria do Universo era o átomo, e que tudo poderia ser explicado por meio de diferentes arranjos atômicos. Essa idéia, aliás, foi herdada de antigos filósofos gregos. A palavra “átomo”, de origem grega, significa “a” = não, “tomos” = divisível. Todos os objetos materiais eram considerados sólidos, formados por átomos indivisíveis.

Em 1896 o físico Becquerel, ao estudar a luminescência de certos minérios natu-

rais como a pechblenda, percebeu que eles emitiam uma radiação capaz de sensibilizar uma chapa fotográfica, mesmo na total ausência de luz. Essa descoberta teria passado quase despercebida se não fosse a curiosidade de uma jovem física, Marie Sklodowska, mais conhecida como Mme. Curie. Procurando um tema de pesquisa para sua tese de doutorado, ela encontrou numa revista científica o artigo de Becquerel e propôs-se a estudar a misteriosa radiação.

Depois de muito trabalho, purificando grandes quantidades de pechblenda, Curie conseguiu obter alguns gramas de dois elementos químicos puros. Um era o polônio, assim chamado em homenagem à Polônia, pátria da pesquisadora. O outro era o rádio. Ambos emitiam a radiação de modo intenso. De repente o átomo de Newton, indivisível, revelava a presença de propriedades subatômicas que o tornaram objeto das pesquisas intensivas de muitos físicos notáveis da época.

Várias hipóteses foram levantadas para explicar a estrutura subatômica, mas a que teve maior aceitação foi a de Niels Bohr, em 1927, que se tornou a mais conhecida (Fig. 2). O átomo seria formado por um núcleo contendo prótons, partículas com carga positiva e nêutrons, eletricamente neutros. Em volta, distribuídos em várias



Um átomo de oxigênio contém oito elétrons que se movem em redor do núcleo.

Figura 1: O átomo segundo Niels Bohr

órbitas, circulariam os elétrons, de carga negativa. No átomo neutro, as cargas positivas dos prótons são neutralizadas pelas negativas dos elétrons. As propriedades químicas dos átomos dependem do número de prótons nucleares e seu peso atômico é dado pela soma de prótons e nêutrons.

Até hoje essas partículas subatômicas não foram vistas. Suas propriedades são conhecidas a partir dos efeitos que produzem sobre os aparelhos de medida. Mas tentemos visualizar um átomo, com base na descrição dos físicos. Sabe-se que o núcleo representa 99,998% do peso total. Imaginemos então o átomo como um balão que flutua no ar, contendo em seu centro um pequeno grão de chumbo de cerca de 1mm de diâmetro, o núcleo. Este ocuparia uma parcela mínima do espaço atômico e a órbita mais externa dos elétrons teria o diâmetro de algumas dezenas de metros. Imaginemos que o balão tenha a altura de um prédio de 10 andares. Entretanto, toda essa estrutura externa representa apenas 0,002% do peso do conjunto. O que de mais tênue se pode imaginar, pois, é uma imensa bolha de sabão flutuando ao sabor do vento e contendo em seu interior um pequeno grão de chumbo.

Essa imagem nos sugere um grande vazio e extrema fragilidade, isto é, imper-

manência. O átomo sólido, indestrutível, de Newton, transformou-se em algo vazio e impermanente. Esses conceitos já haviam sido enunciados, há milênios, pelos pensadores orientais. Como teriam os antigos hindus, sentados às margens do rio Ganges, conseguido intuir essas propriedades da matéria?

Mas os físicos logo perceberam que essa estrutura era simples demais e não explicava todas as propriedades dos átomos. Aos poucos, novas partículas foram sendo acrescentadas e hoje já são conhecidas mais de 190 delas. Mas a partícula fundamental, já batizada de "quark", ainda não foi encontrada. Todas elas existem em potencial, isto é, com certa probabilidade, como combinações de outras, podendo ser criadas a partir de energia e dissipar-se outra vez em energia. Não podemos determinar com exatidão onde e quando isso acontece, mas o processo é, com certeza, contínuo.

O Universo sólido de Newton transformou-se num grande vazio, cuja matéria é mutável. Além disso, ele não existe em lugares definidos: apresenta apenas tendências de existência. Em suma, com o desvendamento do universo subatômico, a mudança no tempo e no espaço passou para a escala do infinitamente pequeno, que é no mínimo 10 milhões de vezes

menor que o nosso mundo visível. A constante de Planck tornou-se a unidade de medida do universo subatômico e é expressa pela equação:

$$h = 6,62 \times 10^{-27} \text{ erg seg,}$$

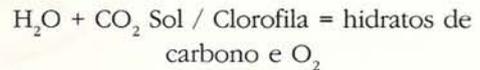
onde  $10^{-27}$  significa 27 zeros à direita da vírgula e "erg seg" é uma medida de força.

**MATÉRIA E ENERGIA** – Entre 1905 e 1910, o jovem físico Albert Einstein elaborou diversas fórmulas matemáticas para explicar dados experimentais. Uma delas é a conhecida fórmula de interconversão de energia e matéria  $E = mc^2$ , isto é, a energia é igual à massa multiplicada pelo quadrado da velocidade da luz.

A conversão de massa em energia é uma experiência diária, pois toda vez que utilizamos algum tipo de combustível estamos fazendo essa transformação. Nossos alimentos são, da mesma maneira, uma fonte de energia, não só para os movimentos voluntários mas também para o funcionamento dos nossos órgãos internos. O organismo humano, mesmo em repouso absoluto, necessita de 450 calorias diárias para sobreviver.

Mais difícil é compreender como a energia se transforma em matéria. Os laboratórios de física mais avançados do mundo, com suas supermáquinas, estão convertendo energia em massa, na tentativa de encontrar a partícula fundamental da matéria. A natureza, porém, descobriu uma maneira simples de fazer essa conversão – a fotossíntese. As plantas verdes têm um pigmento, a clorofila, que funciona como catalisador para a fixação de energia solar. Por esse processo a planta transforma água e gás carbônico, ambos de baixo teor energético, em açúcares (hidratos de

carbono) de elevado potencial energético, liberando o oxigênio de que os animais e as próprias plantas precisam para seus processos respiratórios.



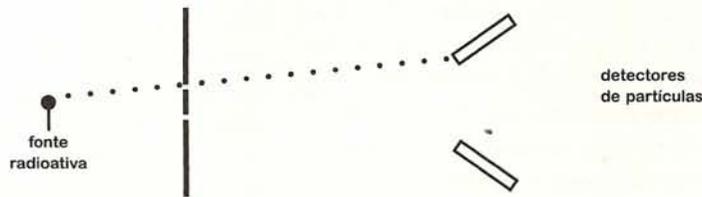
Toda a vida deste planeta depende desse processo. Sem o sol não há fotossíntese. No momento em que ele esfriar, daqui a milhões de anos, por causa de uma catástrofe natural (erupções vulcânicas em série, queda de um meteorito gigante), ou provocada (o inverno nuclear), grande parte da vida na Terra deixará de existir, ao menos na forma como a conhecemos hoje. Compreendemos agora porque o faraó egípcio Aknathon considerou o sol não apenas o astro-rei, mas o seu deus único. Havia intuído que a vida na Terra depende da energia solar.

A noção de que tudo depende de energia não é nova. Alguns séculos antes de nossa era, os chineses já falavam de *chi*, ou *ki*, a energia que tudo permeia no Universo. Os hindus chamavam essa energia de *prana*, e os gregos de *gammadion*. Hipócrates, o pai da medicina, falava em *enormon*, e na Bíblia Deus deu vida ao homem, feito de barro, soprando-lhe o *halo* vital. No século passado falava-se em *energia vital*, essa misteriosa força que transforma um corpo inerte em matéria viva.

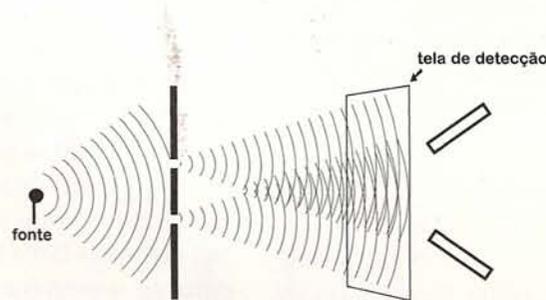
Os físicos modernos já não falam em transformação de massa ou matéria em energia e vice-versa, mas afirmam que ambas são estados diferentes da mesma substância. Assim como a água pode apresentar-se em estado sólido (gelo), líquido (água corrente) e gasoso (vapor), a energia pode apresentar-se sob as mais variadas formas de condensação. Massa é energia condensada ou luz congelada.

**O UNIVERSO DA INCERTEZA E DAS PROBABILIDADES** – Já no início do século passado, Young verificou experimentalmente que a luz se comportava como ondas. Isso também não podia ser explicado pelas leis de Newton, mas foi considerado uma das exceções que confirmavam a regra. Na atua-

lidade, as experiências mostram que um feixe de fótons (luz), ao atravessar uma fenda, pode comportar-se como partícula ou como onda. O comportamento não é previsível: existe apenas a probabilidade do fóton se comportar dessa ou daquela maneira (Fig. 3).



Observando um fóton com um detector de partículas, obtém-se uma partícula.



Observando um fóton com um detector de ondas (uma tela na qual pode-se ver um padrão de interferência), obtém-se uma onda.

Figura 3: Dualidade onda/partícula

Na física clássica, podemos saber onde está um corpo e o que ele está fazendo. Essa é a nossa experiência diária do mundo “real”. Em linguagem técnica, podemos saber, de modo simultâneo, a posição e o *momentum* de um elétron. Seria como conhecer onde está nosso cachorro e o que ele está fazendo. Tornou-se evidente, pela física quântica, que se sabemos onde está um elétron não temos idéia do que ele está fazendo. Da mesma maneira, se soubermos o que o elétron está fazendo não temos como saber onde ele está. Não

conseguimos, portanto, determinar a posição exata de um grupo de elétrons. Este é o *Princípio da Incerteza*, de Heisenberg.

Fazendo uma medida, poderemos encontrar o elétron ora “aqui”, ora “ali”. Efeituando um grande número de medições, poderemos calcular a proporção de vezes em que o elétron se encontra “aqui” ou “ali”. Isso significa apenas que a probabilidade de sua localização pode ser determinada. Já que podemos obter apenas a posição, ou então o *momentum* de uma

partícula, mas não ambos ao mesmo tempo: os dois são complementares. Esse é o *Princípio da Complementaridade*, de Schroedinger.

A física quântica nos tirou do universo das certezas e nos jogou no reino das probabilidades. Niels Bohr vai mais adiante e diz: não existe um mundo quântico, há apenas uma descrição abstrata da física quântica. É errado pensar que a função da física é descobrir o que a natureza é: a ela concerne apenas o que podemos dizer a respeito do mundo natural. Se compararmos sua relação com a biologia, verificaremos que os sistemas vivos têm componentes físicos e químicos. Entretanto, se desmancharmos um sistema vivo para analisar as suas partes, não teremos mais um sistema vivo: ele estará morto. Existe uma complementaridade entre o mundo material e a vida: *o todo é maior que a soma de suas partes*.

Se quisermos extrapolar esses conhecimentos para a psicologia, teremos que aceitar a idéia de que não existem relações absolutas – a velha fórmula *ou/ou* tem de ser modificada para *ambos/e*. Isso nos faz lembrar a sabedoria chinesa do Yin e do Yang, cada um contendo um pedacinho do outro. Nada é totalmente preto nem unicamente branco, nem de todo mau nem completamente bom (Fig. 4).

## Teoria do campo e correlatas

*Conceito de campo eletromagnético* – No início do século XIX, estudando os fenômenos eletromagnéticos, Faraday e Maxwell verificaram que eles não podiam ser descritos pela física newtoniana. Cada carga cria uma “condição” ou “perturbação” no espaço à sua volta, de modo que outra carga, quando presente, sente a presença de uma força. Foi então criado o conceito de campo, que seria a condição do espaço capaz de produzir uma força. Hoje admite-se que o Universo esteja cheio de campos criadores de forças que interagem umas com as outras.

*Coerência superluminal* – Diversas experiências feitas neste século demonstraram que, quando dois sistemas quânticos interagem, uma medida feita num deles pode provocar uma mudança instantânea no outro, mesmo que ambos estejam muito afastados entre si no espaço e no tempo. Segundo Bell (1964), esses efeitos podem ser superluminares, isto é, mais rápidos que a velocidade da luz, possibilitando a conexão instantânea. Esses fenômenos estão fora da teoria da relatividade de Einstein, que considera a velocidade da luz como um limite, que também está além da teoria da dualidade onda/partícula.

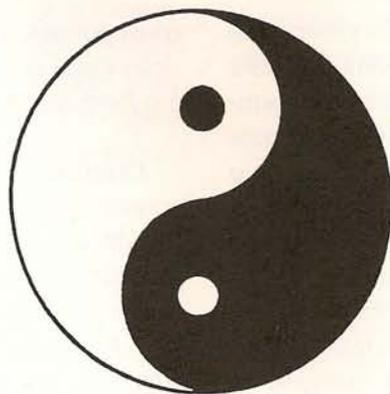


Figura 4: Yin e Yang

Parece que os sistemas quânticos, quando se encontram, não admitem uma verdadeira separação: eles têm um grau permanente de interação e a separação espacial não os divide.

*A ordem comprometida* – David Bohm, físico contemporâneo, afirma que o motivo pelo qual tais partículas são capazes de manter contato umas com as outras – não importando a distância entre elas nem o tempo que as separa – não é o envio de algum sinal misterioso, mas sim o fato de que sua separação é uma ilusão. Ele afirma que, em algum nível mais profundo da realidade, tais partículas não são entidades individuais: são, na verdade, extensões do mesmo *algo* fundamental. Assim, todas as coisas do Universo estão infinitamente interligadas. Tudo que existe se relaciona com o todo: passado, presente e futuro. A isso o físico chama de ordem comprometida. Aplicando este conceito à esfera humana, ele sustenta que pessoas diferentes podem de alguma maneira sintonizar-se entre si, ou seja, podem desenvolver noções comuns de modo simultâneo.

*Campos morfogenéticos e ressonância mórfica* – Uma observação que há muito tempo intriga os pesquisadores é o mecanismo que permite a uma célula única, que contém todas as informações genéticas, desenvolver-se até formar um organismo adulto, cujas células são bem diferenciadas, com cabeça, membros, coração, fígado etc. Todas elas contêm a mesma informação genética.

Do mesmo modo, observou-se que, quando um grupo de animais de experimentação aprende um certo comportamento, outro grupo semelhante, sem conexão com ele, também aprende – e com mais rapidez – o mesmo comportamento. Isso não acontece apenas nos seres vivos, mas também com compostos químicos sinteti-

zados e cristalizados. Um composto de fórmula inédita pode levar dias, semanas, ou mesmo meses para cristalizar. No entanto, se a fórmula for repetida em outro laboratório, sem nenhuma conexão com o primeiro, nota-se que a cristalização acontece mais rapidamente, mesmo se excluirmos qualquer possibilidade de contaminação por partículas do primeiro cristal obtido.

Com base nessas observações, Sheldrake, um biólogo da atualidade, sugeriu a hipótese da ressonância mórfica – algo na linha do semelhante atrai o semelhante. Assim, os descendentes de uma determinada espécie seriam induzidos a copiar a forma de seus ascendentes. Haveria, portanto, não apenas uma evolução genética, darwiniana, baseada na seleção natural, mas também um processo evolutivo condicionado por fatores ambientais. Essa idéia, aliás, não é nova: foi motivo de muita controvérsia, no fim do século passado – na época de Darwin –, quando Lamarck argumentou que a evolução também se dá por aprendizagem.

Sheldrake sugere que todos os sistemas são regulados, não apenas por energia e fatores materiais conhecidos, mas também por campos invisíveis de organização. Seu efeito é tão forte a grandes distâncias como à queima-roupa, e atravessa as barreiras do tempo e do espaço aplicados à energia. Toda vez que um membro de uma espécie aprende um novo comportamento, modifica-se o campo causal dessa espécie. Forma-se uma matriz invisível, um *campo morfogenético* que envolve ação à distância. Desse modo, a *ressonância mórfica* dirá respeito à espécie inteira. Watson chamou esse fenômeno de “o princípio do centésimo macaco”, com base na aprendizagem mais rápida de um grupo de símios muito distante de outro, que havia aprendido antes.

**HOLOGRAFIA** – A holografia é um tipo especial de fotografia em três dimensões, criada por padrões de interferência de energia. O holograma é obtido com um feixe de raios laser, luz coerente que se espalha muito pouco e na qual todas as ondas se movem numa única direção. Passando um feixe de laser através de um aparelho ótico chamado divisor de feixe, obtêm-se dois feixes originários da mesma fonte – o feixe operacional e o de referência. Quando os dois se encontram na placa fotográfica, cria-se um padrão de interferência que produz o holograma (Fig. 5).

Os hologramas são tridimensionais. Além disso, cortando-se qualquer pedaço do filme holográfico e projetando-se através dele o raio laser, obtém-se uma imagem tridimensional de todo o objeto fotografado. O holograma é, portanto, um padrão de interferência de energia onde *cada parte contém o todo* (Fig. 6).

Cabe aqui uma comparação com a biologia. Cada célula contém uma cópia completa do DNA do organismo, com informações suficientes para construí-la totalmente. Seria o princípio holográfico, em que cada pedaço contém as

informações relativas ao todo e pode ser utilizado para reconstruir a totalidade do holograma.

Pribram, um importante estudioso do funcionamento cerebral, afirma que o cérebro estrutura a visão, a audição e os demais sentidos de modo holográfico. Dessa forma, a informação é distribuída por todo o sistema e cada fragmento reproduz a informação do conjunto. Para esse pesquisador, o modelo holográfico descreve o funcionamento do cérebro e de todo o Universo.

O físico David Bohm nega a idéia clássica de que o Universo é analisável em partes que existem separada e independentemente. Na sua opinião, elas estão em conexão imediata e suas relações dinâmicas dependem do estado de todo o sistema. Fenômenos como telepatia, psicocinese e certas curas, por exemplo, emergiriam de frequências que transcendem tempo e espaço e não precisam ser transmitidas, pois ocorrem de modo simultâneo em toda parte. Assim, chega-se à idéia de que o Universo se parece com uma teia dinâmica de modelos inseparáveis de energia, constituindo um todo dinâmico e integrado, que inclui o observador.

Figura 5: Holografia

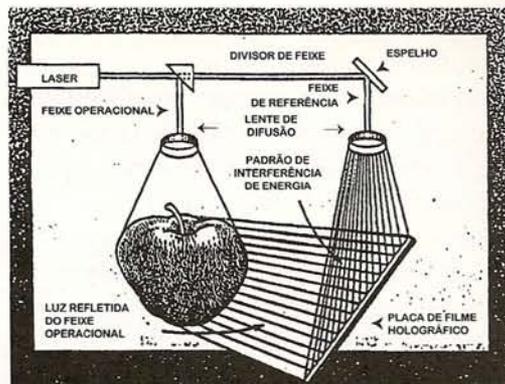
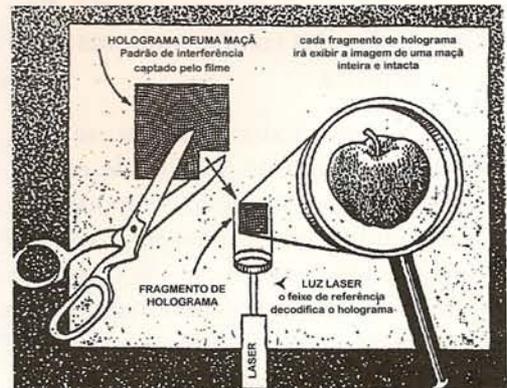


Figura 6: Holograma



## QUADROS SINÓPTICOS

## A NOVA VISÃO DA FÍSICA

Física cartesiana-newtoniana	Física quântica
<p>O átomo é indivisível.</p> <p>Os objetos são sólidos e separados.</p> <p>O mundo físico é estável.</p> <p>O Universo é uma grande máquina, passível de representação matemática.</p> <p>O Universo é imutável (previsibilidade, criacionismo).</p> <p>Dualidade sujeito-objeto.</p> <p>A realidade é objetiva e observável pelos 5 sentidos e suas extensões (telescópio, microscópio etc.).</p> <p>A observação pode ser feita sem interferência do observador.</p> <p>A forma se baseia na "verdade absoluta" (o que a natureza realmente é, "nos bastidores").</p>	<p>Existem estruturas subatômicas.</p> <p>O átomo é "vazio" e impermanente.</p> <p>Matéria e energia estão em constante transformação.</p> <p>O Universo só é representável em termos de probabilidades.</p> <p>O Universo está em constante transformação (princípio da incerteza, evolucionismo).</p> <p>Inter-relação constante de tudo no Universo (criação de campos: eletromagnético e morfogenético; hologramas).</p> <p>Não existe observação direta, apenas análise de efeitos.</p> <p>A observação depende do observador e de seu sistema de observação.</p> <p>Não sabemos como a natureza de fato é; só temos noção do que se pode dizer dela.</p>

## A NOVA VISÃO DA PSICOLOGIA

Visão cartesiana-newtoniana	Visão transpessoal
<p>O Universo é uma grande máquina; suas leis são predeterminadas; não existe livre-arbítrio.</p> <p>Causalidade e determinismo.</p> <p>Dualidade sujeito-objeto.</p> <p>Atomismo e mecanicismo.</p> <p>Separatividade da matéria, da vida e da informação.</p> <p>Fragmentação do conhecimento em disciplinas: física, química, biologia, psicologia etc.</p> <p>Absolutismo racional: a verdade é o que se pode observar com os 5 sentidos.</p> <p>A velocidade da luz não pode ser ultrapassada.</p> <p>A consciência depende da estrutura cerebral fixa.</p> <p>Relação ou/ou (branco ou preto, bom ou mau).</p>	<p>O Universo está em expansão; há possibilidade de livre-arbítrio e evolução.</p> <p>Incerteza, probabilidades.</p> <p>Interdependência sujeito-objeto.</p> <p>Massa e energia são duas formas diferentes da mesma substância e estão em interconversão contínua.</p> <p>Holograma. O todo é maior (mais completo) que a soma de suas partes.</p> <p>Tendência à unificação (holismo); interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.</p> <p>Relatividade conceitual: a vivência da realidade é função do estado de consciência da pessoa.</p> <p>Comunicação espontânea, superluminal (além da velocidade da luz).</p> <p>Possibilidade de expansão da consciência.</p> <p>Relação ambos/e (Yin e Yang).</p>

**CONCLUSÕES** – A análise da nova visão de mundo que emerge desses conhecimentos, muito mais amplos do que os descritos pela física newtoniana, leva-nos à conclusão de que nosso conhecimento do Universo ainda é muito limitado e que é indispensável manter

a mente aberta, sem fronteiras, sem a imposição de limites. Essa idéia, aliás, não é nova: já havia sido anunciada muitas vezes ao longo dos séculos, por cientistas, sábios, filósofos, santos e poetas. A seguir, alguns exemplos da evolução desse raciocínio.



*Os milagres não acontecem em contradição com a natureza, mas apenas em contradição com aquilo que conhecemos da natureza.*

(Santo Agostinho, séc. IV)

*Novas idéias são em primeiro lugar ignoradas, depois ridicularizadas e depois violentamente combatidas. Por fim, são adotadas como evidentes, justo pelos que mais as combatiam.*

(Schopenhauer, primeira metade do século XIX)

*Há sempre mais coisas que ultrapassam as restrições da presente auto-limitação e é necessário manter a mente aberta, para superar o ponto de vista corrente e compreender aquele algo mais que ainda não entendemos no momento presente.*

(William James, séc. XIX, segunda metade)

*Há mais coisas no Céu e na Terra do que pode sonhar minha filosofia racionalista.*

(Ken Wilber, 1991, parafraseando Shakespeare)

NOTA DA REDAÇÃO: Este artigo inclui uma bibliografia. Se o leitor quiser obtê-la, deve entrar em contato com nossa redação, por telefone ou fax.

OLGÁRIA MATOS

---

**O** ENSAIO COMO FORMA  
FILOSÓFICA  
(Horkheimer e a Escola  
de Frankfurt)

*A análise de um precioso  
instrumento de investigação,  
por meio da obra de um  
pensador fundamental.*



**OLGÁRIA MATOS** é professora do Departamento de Filosofia da USP e autora de *Rousseau, uma Arqueologia da Desigualdade* e *Os Arcanos do Inteiramente Outro*, entre várias outras obras.



*O ensaio não compartilha a regra do jogo da ciência e da teoria organizada, segundo as quais, como diz Espinosa, a ordem das coisas seria a mesma que a das idéias. Já que a ordem sem lacunas dos conceitos não se identifica com o ente, o ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva. Ele se revolta, em primeiro lugar, contra a doutrina, arraigada desde Platão, segundo a qual o mutável, o efêmero, não seria digno da filosofia; revolta-se contra essa antiga injustiça cometida contra o transitório, pela qual ele é mais uma vez condenado, no plano do conceito (...). A objeção contra ele, de que seria fragmentário e acidental, postula a totalidade como um dado e, em conseqüência, de sujeito e objeto; comporta-se como se dispusesse do todo. Mas o ensaio não quer captar o eterno nem destilá-lo do transitório; prefere perenizar o transitório. A sua fraqueza testemunha a própria não-identidade que ele deve expressar (...). Naquilo que é enfaticamente ensaio, o pensamento se libera da idéia tradicional de verdade.<sup>1</sup>*

O ensaio como forma de exposição, bem como a preferência por aforismos e artigos de circunstância, é um procedimento comum daqueles autores que se convencionou associar à Escola de Frankfurt e à "Teoria Crítica da Sociedade". Horkheimer, Benjamin, Adorno e também Marcuse, participam dessa proposição que, de Montaigne ao Romantismo, desconfia do sentido definitivo ou único das coisas, da verdade uma e una, na ciência e na história. Frente à lógica do

incontrovertido, e da crença em uma objetividade na compreensão das obras de pensamento, os autores frankfurtianos reconhecem o heterogêneo, o dissonante, o fragmentário, o descontínuo, como um diagnóstico da própria filosofia e um método para interrogar o presente.

Esse "nomadismo" é crítico e convida, antes de mais nada, ao deciframento de sua inconclusão. Essa delicada "arte do equívoco" utiliza palavras ao revés, de maneira a criar dúvida sobre o que se quer dizer: "o todo é o falso, o todo é o verdadeiro", e também "verdadeiro é tão somente o pensamento que não se compreende a si mesmo". São formulações que alertam contra a lógica do Sistema, o pensamento da Totalidade e sua convicção do Absoluto. Dialogam com a tradição filosófica que, de Parmênides e Platão até o neopositivismo contemporâneo, submete o pensamento à lei da binariedade metaforizada pelo círculo, que consolida a separação entre o centro e a periferia, o ser e o parecer, a idéia e a matéria, o fundo e a forma, o interior e o exterior, estabelecendo uma hierarquia pela valorização metafísica, religiosa e moral do centro: o que tem como conseqüência a desvalorização ontológica do periférico, entendido como o imperfeito e o falso.

Em contrapartida, os frankfurtianos reabilitam o que na história da filosofia foi preterido como inessencial. O ensaio como método tem uma dupla utilidade: permite um ingresso original nos textos teóricos, como os de Descartes, Hegel, Marx ou Kierkegaard, e uma nova maneira de se situar no mundo presente.

**HISTÓRIA E DIALÉTICA** – Recordemos que a *Zeitschrift für Sozialforschung* – era, por assim dizer, o "órgão oficial" da Teoria Crítica entre os anos de 1932 e 1941. Da Alemanha ao exílio americano, devido à ascensão de Hitler ao poder, ela se constituiu por alguns poucos ensaios e inúmeras resenhas, que tratavam das



diversas publicações concernentes a todos os ramos de conhecimento nas ciências humanas. Sua vocação interdisciplinar não é arbitrária, pois o pensamento crítico incorpora reflexões que iluminam a gênese do irracional, os aspectos noturnos da *Aufklärung* (Iluminismo) e a tendência à *dominação* nas experiências políticas.

A Escola de Frankfurt pertence a um período histórico que acreditou na proximidade da revolução proletária, tendo assistido à revolução bolchevique de 1917, a duas insurreições operárias na Alemanha – a proclamação da República em novembro de 1918 e a de 1923 –, aos levantes operários na Polônia e outros países. Seu horizonte teórico imediato conviveu ao lado de obras de George Lukács, em particular *História e Consciência de Classe*, e de Karl Korsch, *Marxismo e Filosofia*. Acreditava-se na transformação iminente da teoria em práxis, na unidade entre o pensamento do intelectual radical e a práxis do sujeito revolucionário. Estas duas obras foram de grande impacto no marxismo do período, pois significaram uma alternativa ao leninismo e sua versão fisicalista da história e a conseqüente naturalização mecanicista. Ao hegelianizar o marxismo, isto é ao refilosofá-lo, afastando-o do marxismo ciência-naturalista, esses autores recolocam no centro de suas análises o conceito de fetichismo, tal como elaborado em *O Capital*.

Lukács chama a atenção para um aspecto essencial da *dialética*, abandonado no cientificismo marxista: a espacialização da duração, a queda da

qualidade em quantidade e a deterioração da qualidade dialética do vivido no mundo do Capital. Quanto a Korsch, trata da fetichização das organizações dos trabalhadores, especialmente a do Partido Comunista Alemão. Em seu processo de bolchevização, obliterou a originalidade da experiência política do proletariado alemão luxemburguista e conciliador, plasmando a criatividade social dos trabalhadores em rígidas determinações políticas extrínsecas àquelas organizações, segundo uma dominação hierárquica entre cúpula e base, da qual está excluída a experiência política, mas a quem se atribuída o ativismo militante. Autonomia e autodeterminação desaparecem das organizações políticas do trabalhadores.

Do ponto de vista da história da cultura, duas obras são significativas. Uma é *Comunidade e Sociedade*, de Toennies, que trata da dissolução das relações de comunidade, de parentesco e consangüinidade, cujos laços de solidariedade são organicamente determinados pela vizinhança, que cede lugar à sociedade, onde relações impessoais determinam uma solidariedade mecânica, mediada pelas instituições da sociedade. Também Weber, com seu trabalho *Economia e Sociedade*, daria aos frankfurtianos um conceito fundamental: o de racionalização das relações entre os homens, no sentido da crescente formalização da sociedade, na qual os aspectos quantitativos se substituem pelos qualitativos, sob a hegemonia do princípio de equivalência entre coisas e coisas, homens e coisas.



**UMA CRÍTICA DA RAZÃO** – Em termos frankfurtianos, a formalização da razão é homóloga à conversão da natureza em algo abstrato, apto a ser captado pelo *número*, isto é, quantificado. A este fenômeno, Weber denominou de *Entzauberung des Welt* (desencantamento do mundo). Trata-se do princípio de identidade, a forma específica que a ideologia toma na modernidade. Em seu ensaio *Teoria Tradicional e Teoria Crítica* (1937) – considerado o “manifesto” da Escola de Frankfurt –, Horkheimer indica como paradigma do pensamento identitário a filosofia cartesiana. Os ensaios da década de 30, diversos em seus problemas, como *Materialismo e Moral*, ou *Egoísmo e Movimento de Emancipação*, *Montaigne e a Função do Ceticismo*, ou *Sobre a Verdade*, apresentam, não obstante, uma preocupação comum: a análise da racionalidade que habita o materialismo de Marx e o de sua posteridade.

Essa crítica da razão se afasta do materialismo mecanicista do marxismo da época, confiante na noção de progresso, que confunde progresso nos desenvolvimentos da ciência e da técnica com o desenvolvimento da humanidade enquanto tal, que oculta as regressões da sociedade, impossibilitando compreender as periódicas recaídas na barbárie, como os fascismos e o estalinismo, frutos do mesmo impulso onipotente de dominação da natureza e dos homens, impulso esse que trata o homem como “o melhor capital”.

Os ensaios de Horkheimer da década de 30 abordam essa questão no horizonte de uma “teoria do

conhecimento”. Interrogam as condições de possibilidade de uma “teoria materialista da história”. Para isso, o conceito de crítica deve ser considerado segundo as indicações de Horkheimer em *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*: “esta palavra deve ser compreendida aqui no sentido de crítica dialética da economia política, mais do que no sentido idealista da razão pura”. A Teoria Crítica é, pois, tributária de Kant e suas três críticas – *Crítica da Razão Pura*, *Crítica da Razão Prática* e *Crítica do Juízo*; de Hegel e sua crítica dialética ao Entendimento (*Verstand*) kantiano, instância classificatória e lógica, tanto em sua *Fenomenologia do Espírito* quanto na *Lógica*; e de Marx, nas suas inúmeras críticas: *Crítica à Filosofia do Direito de Hegel*, *Contribuição à Crítica da Economia Política*, *A Sagrada Família* ou *Crítica da Crítica*, *O Capital*, *Crítica da Economia Política*.

Mas a “Teoria Crítica” de Horkheimer tem ainda um outro aliado intelectual: Schopenhauer e seu “pessimismo consequencial”. No prefácio de 1968 à reedição dos trabalhos da década de 30, intitulado *Teoria Crítica*, Horkheimer afirma: “Sempre estive familiarizado com o pessimismo metafísico, elemento central para todo o pensamento verdadeiramente materialista”. Essa afirmação nos oferece uma importante via de acesso à compreensão dos ensaios da década de 30, bem como para o desenvolvimento ulterior da Teoria Crítica.

Se, na década de 30, Horkheimer milita intelectualmente em favor da Revolução – e escreve, no prefácio já citado, que “acreditava que uma sociedade

melhor e mais justa só poderia advir da Revolução, pois naquela época não ousávamos pensar em guerra” –, é porque o tributo a Marx, apesar das distâncias já apontadas com relação ao marxismo, é certo. Nos anos de exílio, vai se configurando o tom das obras da década de 40, como a *Dialética do Iluminismo*, na qual há o eclipsamento do tema da luta de classes e a substituição da crítica à economia política pela crítica à civilização técnica. O conceito de Dominação não se confunde com o de exploração. O fenômeno da “servidão voluntária” leva à necessidade de assimilar toda a tradição filosófica que desconfia da noção de progresso.

Leitores de Nietzsche, os frankfurtianos suspeitam das “luzes” da Razão, reconhecem que a origem da moral é extra-moral e a da razão é extra-epistemológica. Leitores de Freud, aprenderam a diferenciar libertação psíquica de libertação política. Leitores de Heidegger, de quem também tanto discordam, diferenciam o ôntico e o ontológico – encontrando no fenômeno da alienação não apenas a perda dos produtos objetivados da sociedade humana na criatividade social, mas sobretudo o fechamento do indivíduo no espaço e no tempo, confinamento que é perda da possibilidade de transcendência. Porque, segundo Heidegger, a existência não é só o “estar-no-mundo” (o *Dasein*), mas também é ao mesmo tempo “estar-além-do-mundo”, a existência apontando sempre para um além do tempo presente.

No período em questão, Horkheimer e Adorno centram o problema da emergência do irracional nas relações entre o homem e a natureza, na separação entre o eu e o mundo e o projeto de índole cartesiana de dominação conceitual do homem sobre uma natureza despojada de seus aspectos místicos, sagrados e proféticos, sendo então poder sobre uma natureza abstrata, formalizada, desencantada. O desencantamento do mundo, já analisado por Weber na racionalidade formalizadora, abre o caminho à neutralização do real, à dessacralização da vida, à lei do mais forte,



ao genocídio. Mundo desencantado, real, monótono, repetitivo, causal, é também mundo da “banalização do Mal”, da “volatilização da Culpa”.

**As Sociedades “Totais”** – Os escritos de Horkheimer das décadas de 60 e início de 70, voltam-se para a análise da “sociedade da total-administração” (*verwaltete Gesellschaft*), nos ensaios contidos em *A Sociedade em Transição*, como *Marx Hoje* e *Mundo Administrado*. O diagnóstico do presente é o desaparecimento da noção de indivíduo no sentido kantiano e schopenhauriano e do pensamento crítico; de onde um mundo sem oposição, sem contradição, mundo administrado ou unidimensional. Mundo totalitário é aquele no qual racionalidade técnica e racionalidade dos fins se confundem. Estado e sociedade civil coincidem como Vontade homogênea e una. O indivíduo, cujos valores de liberdade, igualdade e fraternidade, e o de *autonomia*, haviam sido considerados por Kant como resistência contra o mundo histórico, isto é, “mal temporal”, está em processo de extinção, sem que os valores a ele associados tenham podido realizar-se.

Esses valores podem se resumir na afirmação de Kant, retomada por Horkheimer no ensaio *Kant e o Iluminismo*: “Tudo o que pode ser comparado, pode ser trocado e tem um preço. Aquilo que não pode ser comprado não tem preço, mas dignidade”. Da *Teoria Crítica Ontem à Teoria Crítica Hoje*, a noção de práxis é questionada: seguindo Horkheimer, as



insuficiências da teoria – o fato de o pensamento dialético não ter sido “suficientemente negativo”, recaindo na crença burguesa no progresso – transmitiram-se à prática e fazem do pensamento, hoje em dissolução no mundo pragmático, tecnológico, anticrítico e inimigo do pensamento, um lugar de resistência.

Assim, a grande influência de Schopenhauer na formação do pensamento de Horkheimer reaparecerá na obra do último período. É ele o antídoto contra todo pensamento teleológico que, na formulação hegeliana ou marxista, confia no desenlace feliz da “razão na História”, seja pela realização do Absoluto, seja pelo advento da Sociedade sem Classes. Por sua compreensão da história como movimento cego, Schopenhauer mostra o antifinalismo e a contingência daquilo que depende dos desejos humanos, onde não está garantido nenhum desfecho da racionalidade como algo interno à própria razão.

Esse ponto de vista já se encontrava indicado nos ensaios da década de trinta. A Teoria Crítica procura analisar a noção de materialismo e de dialética, nos ensaios dedicados a Montaigne, Bergson ou Hegel. A tese fundamental da Teoria, nesse período, e que se manteria como referência estável nas análises posteriores, tanto na política quanto na ciência e na filosofia da história, é a crítica ao *princípio de identidade*. Foi Hegel quem concluiu, segundo Horkheimer, a tarefa iniciada por Descartes com o dualismo sujeito-objeto e a supremacia do sujeito no processo de conhecimento. Em seu ensaio *Hegel e a Metafísica*

(1932), Horkheimer diz que na filosofia idealista alemã, de Kant a Hegel, “a tese da identidade do sujeito e do objeto aparece como a pressuposição necessária da existência da verdade”, o que significa que “o sujeito conhecendo-se a si mesmo deve, segundo a concepção idealista, pensar-se a si mesmo como idêntico ao Absoluto: ele deve ser infinito”.

Horkheimer pensa em uma dialética que reverte seu destino identitário, liberando a negatividade que se subsume no hegelianismo na “racionalização filosófica do sofrimento”, fazendo do “calvário do Espírito” o caminho mesmo da história, passando sobre o sofrimento do indivíduo singular para, ao fim, o particular repousar tranquilamente no universal. Assim, a não-identidade é o *telos* da identificação. Isto não significa uma recaída no Irracionalismo que, de alguma forma, realizou uma crítica do princípio de identidade. De alguma forma, porque recusar a ilusão da identidade entre o real e o racional, do singular e do universal, tende a supervalorizar seu pólo sacrificado: a singularidade.

A Teoria Crítica recusa esta alternativa enfrentando, porém, sua eventualidade. Mas ela se refere, não sem firmeza, a uma forma de *racionalismo*, o que se atesta pela freqüente presença do conceito de Razão nas obras mais célebres da Escola. A tese maior do irracionalismo e, no plano conceitual, da *Lebensphilosophie* (filosofia da vida) e de Bergson é, segundo Horkheimer, “que o pensamento tem por efeito matar seu objeto”, de tal forma que a Razão seria mortífera para a Vida. Horkheimer reconhece o mérito da *Lebensphilosophie*, por ter mostrado o papel insustentável do racionalismo da Identidade. “A metafísica da vida”, escreve ele, “e as tendências que a ela se aparentam, na filosofia e na psicologia, tiveram razão com respeito ao mito racionalista”.

Assim, o pensamento analítico faz da ordenação, da decomposição, da medida, a única forma do



pensar competente. Com isso coisifica a existência, dissolvendo o tempo da consciência, do fluir imanente, em cronômetro. A crítica à racionalidade abstrata e calculadora é o ponto forte da *Lebensphilosophie*. Porém, ao recusar esta figura da Razão, superestima a *intuição*, a *sensação*. Conseqüentemente, o “racionalismo e o irracionalismo anulam reciprocamente sua pretensão metafísica”. Quer dizer, a “auto-imersão abstrata do objeto no sujeito”.

Em seu ensaio *A Querela do Positivismo na Filosofia do Presente*, e em *O Último Ataque à Metafísica* (1937), Horkheimer se atém mais abertamente à crítica ao dualismo cartesiano, a forma por excelência do “pensamento tradicional”, que encontra seu pleno desenvolvimento na filosofia de Kant, neste aspecto agora criticado. A cisão sujeito e objeto, pensamento e extensão, terá por resultado “uma relação cindida com a verdade”, tão insustentável quanto a identidade formal. A crítica à identidade é crítica do “princípio da razão suficiente”.

**AUTORIDADE E FAMÍLIA** – Dessas restrições ao racionalismo, deve-se enunciar uma filosofia da história e uma concepção materialista que não aceitem o dogma do dado ou do fato, e cujo conteúdo histórico ainda está por ser elaborado. Nada mais garante a harmonia da razão com o *dado*, porque o objeto não é correlato do sujeito. É preciso construir a objetividade crítica para realizar a objetividade social. Desse ponto de vista, os estudos reunidos por Horkheimer

em *Autoridade e Família* são significativos. O conceito de autoridade é tomado em sua tensão interna, não se confundindo com o de autoritarismo: “Ela (a autoridade) designa a aptidão, consciente ou inconsciente, de se integrar ou de se submeter, a faculdade de aprovar a situação presente enquanto tal, em pensamento ou ação, de viver na dependência de ordens impostas e de vontades externas”. Na família, porém, ao mesmo tempo em que o princípio da autoridade paterna se estabelece com base no provedor econômico, na submissão da mulher e das crianças, destituídas de direitos econômicos e sexuais, essa autoridade tinha também outro sentido: o da *auctoritas*, “ser autor de algo”, responder por aquilo que depende de nós, mas que de maneira alguma significa “possuir poder”.<sup>2</sup>

Assim, o pai também era o provedor moral, aquele que dava a palavra responsável. Em termos histórico-sociais, a “dialética da família” manifestava que a mãe, confinada por assim dizer ao espaço doméstico, podia fantasiar sonhos utópicos com seu filho, amor que acompanhava a criança na vida adulta e a defendia da identificação com o mundo das instituições sociais, pois na família estava preservada a individualidade: “a família não é tão somente a forma retributiva do vivo, mas uma maneira de enfrentar em comum e solidariamente a morte”. Relações complexas na família e na autoridade revelam, à luz da dissolução do indivíduo – seja por sua imersão na Totalidade hegeliana, ou na sociedade “totalmente administrada” (marxista ou pós-industrial) –, o espaço de preservação da autonomia.



Hoje, o pai obedece fora de casa e reina dentro dela segundo uma “racionalidade irracional”: a “reificação na economia tem a pura função de uma grandeza econômica, do patrimônio, ou de um trabalho manual ou intelectual requerido tecnicamente (...). Ao contrário do que se passa na vida pública, na família, onde as relações não são mediadas pelo mercado e os indivíduos não se contrapõem como concorrentes, o homem sempre preservou a possibilidade de agir não apenas como função, mas também como homem (...). Desse ponto de vista, a família não conduz à autoridade burguesa, mas ao prenúncio de uma condição humana melhor” (*Autoridade e Família*).

Não por acaso, Horkheimer recorda o significado que Hegel atribuiu, na *Fenomenologia do Espírito*, à figura de Antígona, enquanto princípio do amor que nasce e se desenvolve no âmbito familiar, irredutível à autoridade da *polis*. Ele vê, em particular na mulher, o símbolo do amor e do conflito com a autoridade pública. Representa o elemento não utilitário no totalitarismo da sociedade que se funda e é governada pelas leis do mercado. As últimas palavras de Antígona na tragédia de Sófocles deverão ser repensadas: “Se assim agrada aos deuses, confessemos que, já que sofreremos, erramos”. Com isso, nota Horkheimer, Antígona renuncia a qualquer resistência, acolhendo o princípio do mundo masculino-burguês: “Quem é atingido pela má-sorte também é culpado” (*Autoridade e Família*).

Na perspectiva da Teoria Crítica, Antígona deverá, ao contrário, abandonar sua disponibilidade ao amor

apenas na forma do luto pela morte do irmão, para firmar a supremacia do princípio da solidariedade e do amor, o princípio anti-autoritário por excelência. Aqui, a presença de Schopenhauer: o que une os homens é o desamparo, o que os separa, os fanatismos, de onde um apelo à miséria. O que interessa a Horkheimer, e marca sua concepção materialista da história, é a consciência schopenhauriana desta, entendida como um rodar cego, como repetição de decepções. Para compreender este ciclo permanente, Horkheimer analisará o “ascetismo do mundo interior” no ensaio *Egoísmo e Movimento de Emancipação* (1936).

A ética burguesa do trabalho, fundada na renúncia ao prazer, destrói a essência da individualidade, preparando seu aniquilamento, seja na idéia de Povo (Revolução Francesa), Partido (Revolução Russa) ou Nação (Nacional-Socialismo). Segue-se, assim, a reabilitação do “hedonismo”: “Contra a ética da auto-abnegação, a dignidade do Egoísmo”. Schopenhauer representa o espaço de uma abertura, a fenda sempre presente no jogo trágico entre o querer-viver e sua irrealização, entre o desejo e seu fracasso ou sua pseudo-satisfação. O desejo é “ponto cego”, “luz negra”, arbitrariedade e violência na história.

Nesse horizonte, revisitar o materialismo é refletir acerca das relações entre a teoria e a práxis, buscando uma racionalidade a ser construída na História. Há, nos ensaios da década de 30, a noção, que ressurgiria na década de 70, de que existe “um sofrimento da natureza circundante”, que afasta Horkheimer da idéia de Marx de um metabolismo entre o homem e a natureza, que nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* se traduz na “naturalização do homem e no humanismo da natureza”. Deste ponto de vista, a própria Revolução é insuficiente para redimir as relações do homem com o mundo natural: “toda natureza começaria por se lastimar se lhe fosse dada a palavra”, escreveu Benjamin. A *injustiça* é intrínseca às relações do homem com a *Natureza*, injustiça esta que se prolonga na *História*.

**Os CAMINHOS DA EMANCIPAÇÃO** – O pessimismo como instrumento de emancipação do próprio materialismo se nutre aqui da tradição do materialismo antigo, mais do que do progressismo de Marx, e suas ressonâncias se encontram na leitura que Horkheimer faz do pensamento de Schopenhauer: por seu antifinalismo histórico, faz pensar em Epicuro e Lucrecio. Em *De Rerum Natura*, Lucrecio escreve que a natureza não designa nada senão os acasos da matéria. Àquela noção platônica e aristotélica de um “telos” imanente ao mundo natural, que lhe daria a destinação de realizar, *por natureza*, a virtude e a perfeição, se substitui o “clínamen”, que faz com que o sábio se liberte da ilusão de que possa existir uma natureza. O “clínamen” é essa instância fortuita em um mundo propriamente fortuito: o próprio determinismo é fruto provisório que o acaso das declinações (“clínamen”) dos átomos torna possível. Não existe nenhuma regra a propor em um mundo sem lei, nenhuma recomendação a fazer aos desejos dos homens que não são nem naturais, nem necessários, nem inúteis, mas apenas fortuitos e com isto nem previsíveis nem modificáveis.

Mundo “barroco”, se diria hoje, tal qual Gracián o concebe na obra *El Héroe*: o jogador tem que escolher o momento para desfazer-se de cartas ruins. O que está imposto ao homem é o acaso, o que ele pode lhe opor é o artifício. Deve-se responder ao acaso com o máximo de artifício. É essa a arte do movimento no instável, no frágil, no provisório. Inverte-se, pois, a formulação de César: “Vim, vi e venci”. Primeiro, venci, isto é, aproveitei a oportunidade; depois vi, isto é, refleti; para finalmente dizer “vim”, isto é, após ter refletido, decidi vir para vencer. O cálculo é sempre posterior ao aproveitamento da *ocasião*. Se fosse anterior, a *ocasião* não seria aproveitada. O acaso não prescreve leis precisas ao querer. O domínio das aparências e das ocasiões prescinde de todo cálculo.

Mundo sem finalidade imanente, o mundo é do acaso. A razão é excluída dele em benefício do acaso:



mas este, por sua vez, constitui uma razão: a *rerum natura*. Recordemos Schopenhauer que, em *O Mundo Como Vontade e Representação*, escreve: “O homem é um relógio que uma vez montado funciona sem saber por quê”.

O acaso (ou “clínamen”), rompendo com a cadeia causal, devolve ao presente seus direitos e ao futuro sua liberdade: “O futuro nem é inteiramente meu nem inteiramente não meu”, escreveu Epicuro; nada está escrito: “Certas coisas são produzidas pela necessidade, outras pelo acaso, outras, enfim, por nós mesmos”. O *acaso* retira todo fundamento à ação, pois em um mundo regido por ele, toda e qualquer escolha se equivale, anulando-a. Esse pessimismo marca a filosofia da história da Teoria Crítica de Horkheimer, e é também aquilo que conduz ao “totalmente outro”.

*Sehnsucht nach dem Ganz Anderen* (a nostalgia do inteiramente outro) aponta para uma redefinição do conceito de Razão e Revolução, no qual a teologia, tal como se apresenta também na primeira tese



*Sobre o Conceito de História*, de Benjamin, tem função essencial. Se a teologia é o auxiliar do materialismo histórico, é porque a violência é histórica e a redenção messiânica. Não existem leis na História, ou um curso esperado dos acontecimentos, tão somente a *redenção* de tudo que é histórico, mau, temporal. A Revolução é o “inteiramente outro”, que rompe com a lógica da ciência e da técnica, com uma natureza convertida em objeto a ser explorado produtivamente.

Revolução, para Horkheimer, viria nos últimos ensaios a significar Redenção. Seu sentido etimológico é significativo: “Recomprar aquilo que era nosso”, aquilo de que fomos levados a nos privar, aquilo que alienamos. E no sentido teológico, ligado ao direito e ao costume antigos, é o Redentor, aquele que remete a nós nossos débitos, os nossos pecados e que os cancela – o que é o prenúncio da felicidade. O

Apocalipse diz: “Primeiro o Messias virá para salvar os justos. Em seguida, salvará também os pecadores. Todos serão salvos”.

Tal é o instante último de uma Revolução desontologizada do sofrimento e de toda violência. Ele requer “sair da história” e de suas leis, porque “a explicação do mundo como Nada ou como Totalidade é mitológica” e as vias *garantidas* à redenção não passam de “práticas mágicas sublimadas”. ▲

#### NOTAS

1. Adorno, *O Ensaio Como Forma*. Em Theodor W. Adorno, *Sociologia*. Organizador: Gabriel Cohn; Coordenador: Florestan Fernandes. São Paulo, Ática, 1986.
2. Cf. Arendt, Hannah, *O que é autoridade?*, em *Entre o Passado e o Futuro*, Ed. Perspectiva, 1988.

CLAUDIO WILLER

---

# MARIA CALLAS, VINTE ANOS DEPOIS (A diva revivida em vídeo)



*O fascínio de uma grande artista, numa visão breve mas reveladora.*

**CLAUDIO WILLER** é poeta, autor de *Jardins da Provocação*, entre outros livros. Acaba de publicar uma narrativa em prosa, *Volta* (Editora Iluminuras, 1996). Também organizou, traduziu e prefaciou *Uivo*, *Kaddish* e *Outros Poemas* (LP&M, 1984), além de uma coletânea da obra de Antonin Artaud e *Os Cantos de Maldoror*, de Lautréamont.

Homenageie Maria Callas, na passagem dos vinte anos de sua morte – a 16 de setembro de 1977, aos 53 anos, de infarto –, vendo e ouvindo, em *laserdisc* ou fita de vídeo, *The Maria Callas Concerts, 1959, 1962*, editado pela Pioneer Artists.

O excessivo contraste das imagens desses concertos, deixando tudo chapado, estourado, quase alto-contraste, oferece uma aparição espectral. Vestida de branco, rosto pálido, reduzido ao esboço de alguns traços e ao desenho do seu marcante perfil, ao fundo uma orquestra de sombras, Maria Callas parece um fantasma. Mas são bem visíveis suas expressões, sua gesticulação tão precisa quanto suas inflexões vocais. Sorri em alguns momentos. Em outros, mostra um olhar mais firme ou a expressão da dor, conforme o trecho que canta. A voz e as expressões faciais são acentuadas por gestos exatos da mão ou do braço, exibindo uma de suas qualidades, a concisão, a capacidade de obter um máximo de expressão com um mínimo de recursos. Por isso, além de grande cantora, foi marcante como atriz. Ou talvez o contrário: ser uma extraordinária atriz permitiu-lhe tornar-se a maior cantora do seu tempo. *Intérprete vocal, atriz vocal*: expressões usadas por críticos e comentaristas ao falar dela.

Mesmo nessa gravação precária, a voz é claramente reconhecida em seu timbre característico. Varia com naturalidade, sem aparentar esforço, do grave ao agudo, do forte ao suave, do claro ao escuro, dando um exemplo do que os especialistas chamam de linha de canto. *Coloraturas, pianísimos, legatos* – estão aí, em aula de canto ao vivo, amostras da técnica e domínio da voz requeridos pelo gênero lírico. Com um traço fundamental, a exatidão. Cantava o que estava escrito na partitura. Buscava reproduzir a intenção e as indicações do compositor. Não praticou exibicionismo de estender notas, ou os exageros dramáticos que comprometeram o desempenho de outros intérpretes.

**NOITES MEMORÁVEIS** – Em boa hora foram gravados ou filmados esses vídeos. Na época, Maria Callas já entrava em uma crise pessoal, coincidindo com a separação de seu primeiro marido e empresário, sua tumultuada relação com Aristóteles Onassis, e a queda de seus recursos vocais. Sua carreira foi breve, quase meteórica: a greco-americana, nascida em Nova York em 1923, estreou para o mundo na Arena de Verona, em 1948 (antes já se havia apresentado, adolescente ainda, em Atenas, onde estudou canto durante a guerra) e retirou-se de cena em 1964. Essa aparição fugaz, deixando de apresentar-se aos 41 anos, é um dos componentes do mito. Cedo demais para um cantor



de ópera, se compararmos com a duração de um Pavarotti, em forma aos 60 anos. Ou a do tenor lírico espanhol Alfredo Kraus, seu contemporâneo – gravou com ela uma *Traviatta* em 1958 – que, setuagenário, continua em cena. Ou com os trinta anos de carreira da sua arqui-rival Renata Tebaldi.

A propósito, o mérito de Maria Callas aumenta por ter atuado em uma época de grandes sopranos dramáticos. Tiveram que dividir espaço com ela, entre outras, Zinka Milanov, Leontyce Price e Birgit Nilsson, além da Tebaldi. Callas foi o verdadeiro fantasma da ópera. Assombrou e incomodou intérpretes da *Tosca*, *Traviatta*, *Norma*, *Lucia de Lammermoor*, *Gioconda* e tantos outros papéis. Para as cantoras que a sucederam, seu nome passou a ser um anátema, por causa da inevitável comparação. Foi o referencial, padrão de qualidade para quem se aventurasse em um vasto repertório, do soprano lírico-coloratura até os papéis mais pesados, de soprano-dramático e mezzo-soprano.

Nesse vídeo de Hamburgo, dá exemplos da sua versatilidade, apresentando árias que pertencem a registros diferentes e, normalmente, não fariam parte do mesmo repertório. Assim, em uma das faixas, canta a grande ária para soprano, *Tu che la vanità*, do *Don Carlo* de Verdi, com graves potentes, agudos perfeitos, matizes e inflexões, levando comentaristas a lamentar que nunca houvesse feito a gravação completa dessa ópera; em outra, a ária de mezzo-soprano, *O Don fatale*, do mesmo *Don Carlo*. Enfrenta, igualmente, *Carmen* de Bizet, exibe potência vocal em *Nel di della Vittoria*, do *Macbeth* de Verdi, e ainda dá um exemplo do compositor do começo do século XIX, Spontini, que voltou a ser gravado graças à sua capacidade de enfrentar partituras que exigem a flexibilidade dos sopranos líricos e a potência dos sopranos dramáticos.

Não é preciso ser fã de carteirinha, da confraria dos colecionadores de tudo o que ela gravou. Pode-se encontrar defeitos em muitas das suas interpretações, principalmente as dos anos 60, quando sua voz se tornou mais áspera e opaca. Mesmo assim, é inevitável reconhecer que, para as décadas de 50 e 60, Maria Callas foi tão significativa quanto Caruso para o começo do século. Ambos são divisores de águas, separando um antes e um depois, criando um estilo que ultrapassou seus campos específicos de atuação. Assim como, independentemente do grau de apreciação do *pop-rock*, é necessário ter ouvido os Beatles e os Stones, ou, sem um interesse maior por *jazz*, deve-se contudo ouvir Charlie Parker e Duke Ellington, da mesma forma é preciso conhecer Callas, mesmo não sendo aficionado do bel-canto e ópera. São artistas que formaram a sensibilidade do nosso tempo. Moldaram o gosto, o modo de perceber, fruir e julgar música. Não é apenas curiosidade em torno do mito, pois, no caso de Maria Callas, a condição de monstro sagrado, fenômeno da mídia, foi consequência das qualidades vocais somadas à sensibilidade, cultura musical e personalidade carismática.

Ao final de cada ária, nesse concerto registrado em vídeo, o público delira. Não pára de aplaudir. A produção teve de fazer cortes nos aplausos. Aí está uma das razões da importância de um documento desses. Não se trata apenas de ver Maria Callas, completando com imagens visuais o que se conhece em disco, mas também da chance que nos é dada de

participar da festa. Partilhar a emoção, a euforia daquela gente que foi parar, em uma noite de 1959 e outra de 1962, no teatro de Hamburgo, e teve a oportunidade de um espetáculo único. Uma gravação dessas representa uma vitória sobre o tempo. As décadas se anulam diante das imagens. Meio à distância, mediados pela tela, estamos lá, junto com os dois maestros, Georges Prêtre e Nicola Rescigno, os membros da orquestra, visivelmente contagiados pelo entusiasmo, e as centenas de alemães e ocasionais turistas que conseguiram ingressos para a noite memorável.

Nisso residem o fascínio e o encanto das gravações históricas ao vivo. O acaso, matriz do sublime, cria momentos únicos. Cito, por exemplo, um CD editado pela ATRA – Arturo Toscanini Recording Association –, com uma apresentação ao vivo do *Requiem* de Verdi em 1940, regido por Toscanini, com Zinka Milanov e Jussi Bjoerling entre seus intérpretes, os dois grandes cantores ainda em começo de carreira. O som vence a precariedade de gravação e chega a nós com a fragilidade das fantasmagorias, das miragens e alucinações. Em um dado momento, Bjoerling entoou o *Hostias et preces tibi Domine* de um modo especialmente suave, com um tom plangente, uma claridade de timbre que, desconfio, nem ele conseguiu repetir. Pronto. Aí está. O miraculoso instante, único, irrepetível. Na platéia, perto do gravador, alguém tosse. A milhares de quilômetros e a cinqüenta e sete anos de distância. Aqui, ao lado. Na fita da *jam-session* gravada em 1946 no Harlem, ouve-se alguém se mexendo na platéia. Será Jack Kerouac? Fitas de vídeo e videodiscos, CDs e teipes de gravador, reproduzindo velhas matrizes artesanais, clandestinas, dos anos 60, 50, 40, 30, do início do século, fixam esses momentos raros. Oferecem fragmentos de eternidade.

**A DISCOGRAFIA** – Além do videodisco citado há outro, e conseqüente fita, de um recital de Maria Callas em Paris, igualmente empolgante. Várias das óperas completas editadas pela EMI, regravadas em CD, estão sendo relançadas por ocasião destes vinte anos de sua morte. Mas mesmo aquelas que não entraram no “pacote” do relançamento podem ser encontradas. Basta procurar – e vale a pena. Especialmente recomendável é a *Tosca* de Puccini, de 1953, regência de Victor de Sabata, com Giuseppe di Stefano e Tito

Gobbi, unanimidade da crítica, considerada por todos a melhor gravação dessa ópera. De *La Traviatta* de Verdi, duas gravações ao vivo: a já citada, com Alfredo Kraus, regência de Franco Ghione, de 1958, e outra com Giuseppe di Stefano, regência de Carlo Maria Giulini. Das três *Lucia de Lammermoor* de Donizetti que ela gravou, escolha entre duas: a de 1953, com Giuseppe di Stefano, regida por Tulio Serafin, ou a de 1955, regida por Herbert von Karajan, de novo com di Stefano.

Quanto à *Norma* de Bellini, provavelmente seu melhor papel, ou seja, o melhor do melhor, hesite entre duas gravações, ambas regidas por Tulio Serafin: na primeira (agora relançada pela EMI), Callas está em melhor forma vocal: na segunda, contracenando com um elenco superior, a começar pelo tenor Franco Corelli. Demonstrações de sua capacidade de interpretação, como atriz vocal, são também a *Forza del destino* e a *Aida* de Verdi, a *Madama Butterfly* de Puccini, a *La Gioconda* de Ponchelli.

Há ainda uma infinidade de CDs com recitais e seleções de árias, abarrotando prateleiras até de lojas não especializadas. Veja a data das gravações originais na contracapa do disco e fique sempre com as mais antigas. Ache um CD (da Gala Recordings, especializada em gravações originariamente não-comerciais) com o concerto em Atenas de 1957, evento histórico, pois Callas retornava depois de se haver auto-exilado da Grécia. Canta, em italiano, o *liebestod* do final de *Tristão e Isolda* de Wagner. No mesmo disco, trechos da *Norma* em sua primeira turnê internacional, no teatro Colón de Buenos Aires, em 1949, contracenando com a melhor mezzo-soprano da época, Fedora Barbieri. Valem, para esse trecho, os comentários feitos acima sobre o fascínio das gravações históricas ao vivo, podendo-se imaginar o espanto do público diante do esplendor vocal da cantora ainda desconhecida. Percebe-se como os vozeirões ressoavam pelo enorme teatro argentino (O Colón tem três mil lugares, duas vezes o Municipal de São Paulo). ▲



## PAINEL

### Educação em direitos humanos e cidadania



A Constituição de 1988 declarou formalmente que o Brasil é um Estado de Direito, assegurando o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a igualdade e a justiça como valores supremos, dentre outros, de uma sociedade sem preconceitos, fundada em princípios como a cidadania e a dignidade humana. Teve ainda o mérito de ser a primeira Carta a incluir entre os direitos e garantias fundamentais os sociais, que nas Constituições anteriores estavam subordinados ao título referente à ordem econômica e social.

Vê-se que, do ponto de vista formal, nossa lei maior revela uma visão avançada no que se refere à questão dos direitos humanos. Antecipou-se até mesmo à Conferência Mundial de Viena, de 1993, que consolidou sua indivisibilidade e universalidade, consagradas pela Declaração Universal de 1948, pioneira na inclusão dos direitos sociais ao lado das liberdades individuais. Assim como esta surgiu como reação à barbárie da II Guerra Mundial, a Constituição Brasileira de 1988 nasceu da necessidade de aplacar os clamores da nação, após duas décadas de

anti-democracia, caracterizada pela censura, legislação de exceção, tortura, ausência de cidadania e de liberdade de expressão, para dizer o mínimo de uma ditadura que se impôs pela força militar.

Todavia, como toda reação emocional, a nova legislação – embora avançada – não se baseou numa ética interna, dando assim margem a conchavos políticos, que por sua linguagem vaga e ambígua criaram obstáculos à aplicação de muitos dos direitos conquistados. A cidadania ressurgiu mutilada e o processo educativo permaneceu desmotivador, fragmentado, apenas informativo.

Por essas e outras razões, diz-se que nossos direitos humanos são mais de discurso do que de recursos. Como conseqüência, vemos o ressurgimento do individualismo exacerbado, que se traduz na carência de solidariedade, opondo um consumismo desenfreado ao recrudescimento da miséria; a banalização da violência em todos os níveis; a falta de crítica característica da ausência de formação ética, contrastando com o crescente inconformismo dos excluídos de sempre; as constantes denúncias de violação de direitos humanos por policiais mal preparados e mal pagos; e a manipulação da realidade por uma mídia que se coloca (salvo exceções) a serviço da manutenção do *status quo*.

Mas, nesse labirinto de contradições, o persistente trabalho ético de homens e mulheres conscientes e corajosos mantém acesa a luz da esperança, possibilitando encontros como o I Congresso de Educação em Direitos Humanos e Cidadania, realizado nos dias 5 a 7 de maio último, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, pela Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos, sob a coordenação geral de sua presidente, a educadora Margarida Bulhões Pedreira Genevois.

A Rede é uma organização não-governamental, suprapartidária e sem finalidades lucrativas, que surgiu em 1995, tendo como princípios a educação em direitos humanos e o compromisso permanente com a cidadania para todos, com um papel de “irradiação”, no dizer do Secretário de Direitos Humanos, José Gregori. Este, ao falar na sessão de instalação do congresso – da qual participaram também o cardeal Dom Paulo Evaristo Arns e o Secretário da Justiça de São Paulo, Belizário dos Santos Jr. –, declarou que o objetivo do

encontro era “contagiar cada vez mais pessoas para a conscientização dos direitos humanos”.

Para a vice-presidente da Rede, a cientista política Maria Victória Benevides, educar em direitos humanos é formar mentalidades; trata-se de um processo dinâmico e constante, que inclui a educação para a paz, a solidariedade (nossa carência principal), a tolerância (virtude essencialmente ativa) e a ética, como bases de uma nova cultura de respeito à dignidade humana.

**POR UMA CULTURA DE DIREITOS DA PESSOA** – O congresso contou com a participação de educadores de várias áreas, que enunciaram suas preocupações, fruto de intensa vivência no plano nacional e internacional, fascinando a platéia pela inteligência e cultura postas a serviço dos direitos humanos. Na impossibilidade de citar todos, registramos algumas das personalidades de renome, como Leticia Olgún, da Universidade da Costa Rica; Luiz Perez Aguirre, do Serviço de Paz e Justiça do Uruguai; Antonio Manuel dos Santos, da UNESP; Alfredo Bosi, da USP; Aldaíza Sposati, da PUC/SP; Vera Candau, da PUC/RJ. A coordenação dos painéis foi feita por representantes da Rede, como Terezinha Fram e Júlio Lerner, que dispensam apresentação. Houve ainda depoimentos corajosos e encorajadores, de representantes de movimentos, núcleos e projetos de vários estados brasileiros, que enriqueceram o congresso, relatando suas experiências.

Mereceu destaque o importante trabalho desenvolvido em países da América Latina, como Costa Rica, Peru, Chile, México, Uruguai e Brasil, que lutam pela construção de uma cultura de direitos humanos que derrube as arcaicas estruturas que, a partir do inconsciente individual e coletivo, ainda impregnam o nosso dia-a-dia, pois somos herdeiros de tradições fatalistas, como a ibérica, e discriminatórias, como a greco-romana.

A idéia de globalização – um dos grandes desafios para a educação em direitos humanos – foi detectada como uma das maiores farsas do nosso tempo, já que o mundo globalizado existe há séculos, sob a forma de mercantilismo, imperialismo e colonialismo, bem como a todo-poderosa Economia de Mercado, à qual se submetem governantes e governados, que torna os ricos cada vez

mais ricos e transforma os pobres em miseráveis; eis a antiga deusa, cujo culto renasce das cinzas, como a Fênix, a subverter os valores das sociedades em crise ética.

Trocadilhos como a transformação do *Welfare State* – o Estado de Bem-estar Social, que se tornou alvo do neoliberalismo – em *Fare Well State* – adeus ao bem-estar social, ou “estado de mal-estar social”, na inteligente tradução de uma estudante –, imprimiram sutileza crítica ao encontro. Como afirmou Dalmo Dallari, descontraindo o auditório: “Sou otimista, mas não sou cego”.

A defesa de uma universidade pública e gratuita, compromissada com a sociedade, que tenha como característica básica a formação transdisciplinar e realista, fundamentada num universo ético, foi consensualmente apresentada como uma utopia possível, sem a qual não há como remover a aura de abstração dos direitos humanos, concretizando-os no cotidiano.

**A BUSCA DO ETHOS PERDIDO** – Para o atual reitor da USP, Flávio Fava de Moraes, a universidade é o “ancoradouro dos que ousam pensar”. Nela, o estudante deve viver a “aventura da inteligência”, partindo do “exercício da meditação reflexiva” e praticando (não proclamando, pois hoje não há mais lugar para pedantismo e arrogância) “os conceitos da cidadania”. Para tanto, ela tem que vencer mitos como segregação e meritocracia, equilibrando ações afirmativas e multiculturalismo, com base num pluralismo integrador dos direitos humanos que só acontece na educação.

Assim se reafirma a idéia democrática de que os seres humanos se educam em comunhão, porque educação é acima de tudo um ato de amor, ou não passará de mero treinamento, como ensinava Paulo Freire, do alto de sua paixão radical pelos condenados da Terra, os excluídos de sempre. É nesse trabalho que deve ser, antes de mais nada, estabelecida com clareza a distinção entre o respeito às diferenças, que pertence ao campo dos



valores, e a manutenção das desigualdades, que são perversas porque se inserem no campo das discriminações delituosas. A indignação diante do preconceito, que em nosso país se revela principalmente contra a tríade “mulheres, negros e pobres”, deve ser manifestada na vida privada como na política, não se permitindo quaisquer formas de discriminação – ocultas ou explícitas –, num trabalho perseverante de resgate da dignidade humana.

Não se pode conviver com as contradições de uma sociedade que descarta pobres e velhos, oferecendo-lhes um salário mínimo que, por seu valor, é um atentado aos direitos humanos, revelando um “preconceito legalizado”; que se esconde, com medo de suas próprias crianças, relegadas ao abandono; que denigre a imagem de seus próprios funcionários, aceitando ingenuamente a tese útil à corrupção que grassa nos mais altos escalões, de que retirar os direitos dos servidores públicos é a panacéia moralizante e estabilizadora de toda a economia.

É preciso denunciar a violência simbólica, que faz parecer naturais formas de discriminação como o desprezo, a indiferença e a humilhação, e modos de exploração habilmente camuflados pela retirada de direitos paradigmáticos de categorias ditas “privilegiadas”. Esse argumento autoritário inviabiliza a detecção dos verdadeiros privilégios, mantidos por uma legislação basicamente de exceção. Esta perpetua a vigência de medidas provi-

sórias, jamais discutidas e votadas pelo poder competente, e por isso transformadas em instrumentos fragmentadores de direitos e bens públicos, o que se procura compensar por meio de tributos ditos transitórios, mas que também se eternizam.

Precisamos nos libertar do duplo discurso e des-cruzar os braços, exercendo nossa cidadania de forma responsável, crítica mas participativa, pois a possibilidade de mudança numa sociedade em crise se dá no reencontro do *ethos* perdido, que se manifesta pela conscientização e aplicação dos verdadeiros valores, cujo *habitat* inicial somos nós mesmos, e que tem o condão de se ampliar em progressão geométrica, a partir de nossas mais corriqueiras ações e relacionamentos familiares, até alcançar as mais complexas estruturas sócio-econômicas e políticas.

São essas as noções consensuais mínimas sobre o complexo trabalho de educação a ser enfrentado. Elas são extraídas da experiência e sabedoria de homens e mulheres dedicados ao resgate da liberdade, igualdade e dignidade humanas, que harmonizaram e integraram, como as contas de um colar, todos os participantes do congresso, do humilde e atento estudante ao conferencista internacionalmente conhecido, e que ficam como mensagem da “esperança como virtude revolucionária” que nos legou Paulo Freire. ▲

*Suzete Carvalho*

## RESENHA

### Prosa de Poeta

Como será a prosa dos poetas? Esta pergunta não deveria levar a respostas inesperadas; sabemos de poetas que também são ótimos prosadores.

Assim, de repente, é possível lembrar pelo menos dois deles: Carlos Drummond de Andrade e Ruy Espinheira Filho. No entanto, se a resposta não traz novidades, o mesmo não se pode dizer desse novo livro de CLAUDIO WILLER, *Volta* (EDITORA ILUMINURAS, 159 PÁGINAS).

Se se trata de um romance, ou de um texto memorialístico, ou de prosa poética, ou mesmo de tudo isso junto, é irrelevante; melhor seria dizer que temos nas mãos uma narrativa densa, com matizes proustianos, na qual todos os personagens se juntam para construir um único: o cenário onde todos eles se movimentam – a cidade de São Paulo.

A história (ou melhor, as histórias) segue um modelo semelhante. A consciência condutora do relato se assemelha a uma espinha de peixe, para a qual afluem várias outras; no fim, porém, o animal se transforma num Uroboros – a serpente que engole a própria cauda –, armando-se assim uma estrutura circular que alimenta a si própria. Essa configuração permite um sem-número de leituras diferentes – e nisso o texto lembra *O Jogo da Amarelinha*, não tendo, ao mesmo tempo, nada a ver com a obra de Cortázar, posto que possui originalidade e vida próprias. Em certos momentos, a prosa assume uma descritividade que se aproxima



do microscópico e beira a imagens explícitas. É nesses instantes que Willer as utiliza; e o faz de tal modo que as fotografias e ilustrações parecem brotar do texto, mas logo a ele nos devolvem, numa circularidade que rima com a figura do Uroboros. Ou como a globalidade do *Aleph*; pois conhecidas admirações do autor, como Borges e Breton, reaparecem em *Volta*, como que para nos fazer lembrar um lado cosmopolita que São Paulo sempre teve, mas que muitos ainda desconhecem.

**Humberto Mariotti**

## POESIA

### MIRIAN PAGLIA COSTA

Mirian Paglia Costa apresenta uma simplicidade enganadora. A impressão de facilidade, transmitida pela fluência e tom coloquial dos poemas de *Notícias do Lugar Comum* (Editora 34; 140 páginas), é o resultado do rigor. O mesmo rigor que a levou a esconder-se na gaveta, esperando 16 anos, desde *Colar de Maravilhas*, para publicar outro livro.

Escolhendo a linguagem direta, abertamente descritiva em algumas passagens, ela trafega em um difícil limite entre poesia e crônica. Ou, antes, em uma soma de poesia e prosa, provavelmente por nela se ajustarem com equilíbrio a sensibilidade poética e a capacidade de observação e síntese da jornalista que por muitos anos mostrou ser. Talvez por isso tenha colocado no título a palavra “notícias”. Onde o jornalismo cotidiano, impresso e da TV – cujas redações, como observa no poema *A Canção dos Insetos*, podem ser mundos à parte, separados da realidade – opera com o registro do extraordinário e da exceção, propõe-se a noticiar o lugar-comum. Empreende a transformação do cotidiano em poesia, e exhibe a dimensão poética do prosaico: *secretamente escrevo / escrava de certa poesia corriqueira*.

Mirian foge da abstração e da generalidade, tanto nos temas como nas palavras. Por isso, escreve quase como quem fala. Mostra que a poesia é seu modo de comunicar-se, a fala possível, capaz de texto direto, sem metáforas e com poucas, porém belas imagens, como estas: *um grito de perdiz confirma a pólvora / passeio de estupor entre azaléias*.

Com os pés no chão, olha apenas para o mundo e para nenhum outro lugar: *aqui sofro e festejo /*

*meu tempo de mulher / minha vigília / cidade que escolhi / meu labirinto*. Pode-se dizer que, onde em Adélia Prado haveria um vislumbre de Deus e um lampejo do sublime na cozinha, para Mirian basta o registro de que nela *brotam cebolas / esquecidas entre a pia e o fogão*. Em seus *flashes* do cotidiano, não há revelação nem busca da visão integradora e totalizante, pois *no ar onde se espalha seu ser / verbo inaudível / deus é deus / boceja sua plenitude*. E nós, concretos, *morríveis, matáveis / queremos mais / e mais fazemos / não cessem as horas e os dias / nossa fábrica de permanência*. Resta-nos a constatação de *a terra ser azul / o coração do homem viver em outro peito / é muito espanto*.

Além da crônica urbana, outro tema dominante é a rememoração. Quem registra a saga do indivíduo na metrópole é alguém que guarda em si Londrina, tema do livro anterior. Então, subjetividade é constituída pela memória, exposta como aquilo que faz alguém ser quem é, e que impulsiona o poeta, provocando a sensibilidade.

É o oposto do poeta demiúrgico, profético, que revela o futuro: *invejo poetas que esparramam / palavras e delírio*. Quer mostrar o que deixamos de perceber, no aqui e agora e no passado imediato; ao nosso redor e em nós. A obra de Mirian realça o caráter plural, irreduzível a uns tantos movimentos, tendências e seitas, da poesia contemporânea brasileira. Coexiste com tudo o que temos de boa e importante poesia visionária e demiúrgica, de invenção e pesquisa formal, de todas as gamas do lirismo e de recuperação da tradição. Sendo atípica, por isso mesmo é representativa da contemporaneidade e modernidade poética.

**Claudio Willer**

BALANGANDÃS D'ALMA

secretamente escrevo  
escrava de certa poesia corriqueira  
são contorções do espírito  
alérgico à fala e ao silêncio

o pensamento escorre em versos mudos  
conforma-se um fantasma  
ser que não se explica  
o véu de letras  
poema



JARDIM DO ÉDEN

abro o velho portão

ferro gira no gonzo

uma flauta que grita

## DESPERTAR

madruga  
fom-fom  
a carrocinha do padeiro  
acorda esquinas da memória

um galo retine pompa e glória

passa a madrinha da tropa  
sineta no pescoço  
que une cabras e cabritos

cascos de cavalos ressoam

sonho um rabo de guerra  
mouros e cruzados terçam armas  
e um cão almoxarife conta mortos  
no gelo do focinho

já se distinguem os gatos

o sol lambe a manhã de mel

os homens atrapalham a paisagem



## EPIFANIAS

BASILIO PAWLOWICZ

Nos primeiros anos do século I A.D., duas escolas antagônicas, Hilel e Shamaï, se engajaram em mais uma apaixonada disputa, porque estavam convencidas de que refletiam a mais absoluta verdade sobre esta delicada questão. A escola Shamaï afirmava que seria melhor – e mais simples – para um ser humano não ter nascido. A Hilel sustentava o contrário.

Para provar que estavam certos, os sábios de Shamaï argumentaram com erudição e clareza, dizendo: “Em primeiro lugar, todos sabemos que as crianças choram porque chegam a pressentir o mundo de horror que as espera. Apenas nascem, já têm idade suficiente para morrer. Viver é uma lenta e desesperada agonia. Em segundo lugar, o mundo é um perpétuo movimento porque lhe faltam equilíbrio e harmonia. É um campo de batalha sem vencedor. É um lugar onde todos os sonhos e esperanças são triturados sem piedade. Por mais que um homem se esforce no caminho da virtude, continuará sendo finito, incompleto e mortal. Por último, como diz o profeta, os seres humanos não são mais que sepulcros caiados, brancos por fora, mas por dentro guardam podridão. Assim, o melhor que lhes poderia acontecer seria não nascer”.

À continuação, foi o próprio Hilel quem deu voz aos argumentos de sua escola, dizendo: “Vejo o brilho da verdade em tudo quanto foi dito anteriormente, mas não é verdadeiro que as crianças choram quando nascem porque o mundo é mau. Choram pelo mundo que abandonaram. Depois, com cada sorriso, iluminam o mundo como o sol clareia a terra; e cada vez que nasce uma criança, como dizem nossos livros sagrados, Deus renova suas esperanças no futuro dos homens. Todavia, a morte é um privilégio da vida para quem a quer, e é um grande mistério para todos.

Em segundo lugar, o mundo pode ser um inferno ou um céu, mas isso depende unicamente dos homens. Também é verdadeiro que o movimento é falta de equilíbrio e harmonia, mas é absolutamente necessário e bom, porque permite que supramos nossas carências. Tudo neste mundo projeta sombras, mas é escolha de cada um viver olhando para elas ou de frente para a luz. O mundo é, sim, uma perpétua luta de contrários, sem vitória final; mas considero vencedores a todos os que conseguem manter seus corações generosos e compassivos, num mundo que não é uma coisa nem outra. Os homens choram, sim, por serem incompletos e finitos, mas também cantam; e quando o fazem, encantam e o tempo deixa de existir. Por último, a vida é um lugar onde se podem celebrar encontros, e por eles tudo será justificado. Quando um homem se ilumina, projeta luz sobre a humanidade da qual faz parte; assim, não haverá morte ou sepulcro que não se justifique”.

Como os argumentos expostos pelas duas escolas eram extremamente convincentes, houve necessidade de submeter as questões a uma votação. A escola de Shamaí foi a vencedora, mas recebeu um adendo, pedido por Hilel, com o qual concordou, ficando a lei assim redigida: “Seria melhor para o ser humano não ter nascido; porém, uma vez tendo vindo ao mundo por não ter podido escolher, ele deve buscar sua consciência, sua alma, examinar suas ações, procurando seus significados. Portanto, apesar de não ter controle sobre seu nascimento ele pode, sim, controlar a sua vida; e é nisso que se deve exercitar.”

NOTA DA REDAÇÃO: As duas escolas citadas são históricas e o tema da discussão também. A história é do autor.





### ANTOLOGIA DO ÊXTASE

Pierre Weil

Nesta obra, o autor reúne testemunhos de várias épocas, mostrando como é possível, em plena era tecnológica, alcançar a experiência mística e espiritual.

### HOLÍSTICA - UMA NOVA VISÃO E ABORDAGEM DO REAL

Pierre Weil

Com grande habilidade, o autor vai mostrando possíveis rotas para reencontrar a totalidade e a unidade inerentes ao macro e ao microcosmos.



### A ACEITAÇÃO DE SI MESMO E AS IDADES DA VIDA

Romano Guardini

Este livro é duplo. Na primeira parte, o autor fala do conhecimento e da auto-aceitação. No segundo, trata do processo de envelhecimento e mostra caminhos para a plena experiência da terceira idade.

### MENTE ZEN, MENTE DE PRINCIPIANTE

Shunryū Suzuki

Única obra do mestre Suzuki, singular e extraordinária pela simplicidade e beleza, reúne os ensinamentos mais importantes do Zen.



### MINHA TERRA E MEU POVO

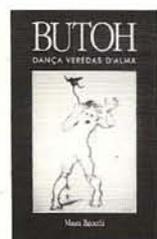
Tenzin Gyatso, XIV Dalai Lama

Este livro autobiográfico, escrito nos primeiros anos de exílio de Tenzin Gyatso, XIV Dalai Lama, relata a primeira fase da dominação chinesa, ao mesmo tempo que descreve a natureza, religião e os costumes singulares do Tibete.

### SAN JUAN DE LA CRUZ, O POETA DE DEUS

Frei Patrício Sciadini, OCD

Considerado um clássico da literatura espanhola, os poemas de São João da Cruz despertam valores que resgatam nossa autoconfiança e possibilidades de libertação.



### BUTOH - DANÇA VEREDAS D'ALMA

Maura Baiocchi

O *butoh* é um universo de expressão em que forma e vida se entrelaçam num diálogo, às vezes silencioso. Dança que resgata a sensibilidade inata e original do ser humano, o *butoh* apregoa que na verdadeira dança tudo é Alma ou inspiração da Alma.

### CO-EDIÇÕES

EDUSP-Editora da Universidade de São Paulo e Editora Palas Athena

### DIÁLOGOS DOS MORTOS

Luciano

Versão bilingüe grego/português  
Tradução, introdução e notas:  
Henrique G. Murachco



Esta é a primeira tradução completa dos *Diálogos dos mortos*, de Luciano de Samósata, diretamente do grego clássico, feita por um especialista e pesquisador de ampla experiência.

Editora da PUC-SP e Editora Palas Athena

### HYPNOS

Nº 1 - *Do divino: imagens e conceitos*  
Nº 2 - *Reflexões sobre a natureza*



Publicação do Centro de Estudos da Antiguidade Grega – Departamento de Filosofia da PUC-SP  
Coordenação da Profª Drª Rachel Gazolla de Andrade

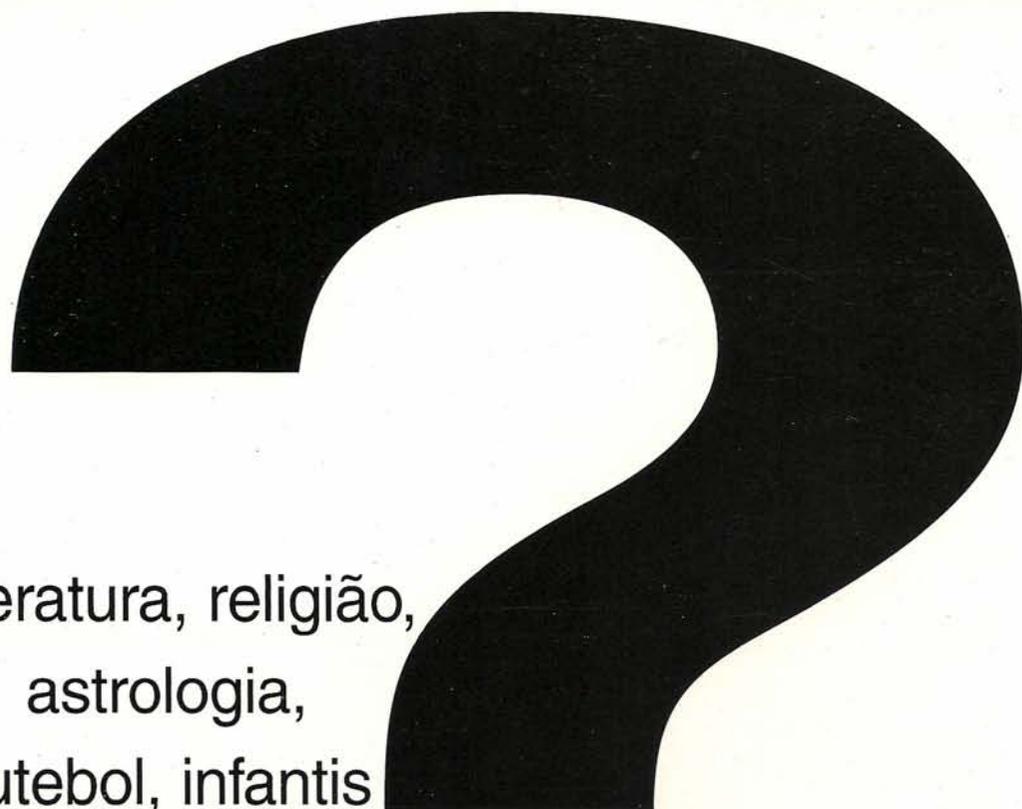


### TRANSDISCIPLINARIDADE

Ubiratan D'Ambrosio

LANÇAMENTO!

O autor aborda, nesta obra, a transdisciplinaridade, cuja base é o reconhecimento de que não há espaço nem tempo culturais privilegiados que permitam julgar e hierarquizar – como mais corretos ou verdadeiros – complexos de explicações e de convivência com a realidade.



Literatura, religião,  
astrologia,  
futebol, infantis

Quem  
lê  
vai  
lá.

Na Livraria Cultura você encontra o maior acervo de livros nacionais e importados das mais diversas áreas. E lá é mais fácil comprar: estacionamento\*, consultas e compras via Internet e atendimento especializado. Não tenha dúvidas. Na Cultura é fácil encontrar o livro que você quer.

**livraria cultura**  
Quem lê vai lá

Av. Paulista, 2073 - Conj. Nacional CEP-01311-940 - São Paulo/SP  
Fone: (011) 285 4033 - Fax: (011) 285 4457  
Internet: <http://www.livcultura.com.br>  
e-mail: [livros@livcultura.com.br](mailto:livros@livcultura.com.br)

\*Estacionamento gratuito durante uma hora para compras acima de R\$ 25,00.